A ocupação da Idade do Ferro de Torre de Palma: "escavando nos fundos" do Museu Nacional de Arqueologia

MAIA LANGLEY*, RUI MATALOTO**, RUI BOAVENTURA***, DAVID GONÇALVES****

RESUMO

Pretende-se aqui apresentar o conjunto artefactual da Idade do Ferro recolhido nas intervenções de Torre de Palma, em particular do resultante das escavações de Manuel Heleno, na sequência da sua identificação no contexto da revisão global do espólio proveniente desta *uilla*, efectuada por um de nós (M.L.).

Perante a raridade do espólio e a sua relevância no contexto da Idade do Ferro do interior Sul do território hoje português impõe-se aqui a sua discussão.

Palavras-chave: Idade do Ferro – Romano – *Uilla* de Torre de Palma – cremação – metais – cerâmica – história da arqueologia em Portugal

ABSTRACT

The aim of this work is to present the Iron Age assemblage from the excavation site of Torre de Palma, in particular, those materials from the excavations conducted by Manuel Heleno, following the global revision and contextualization of the spoilia from this uilla, conducted by one of the authors (M.L.).

* Universidade de Lisboa; PortAnta, Archaeological Opportunities in Portugal. E-mail: maialaugley@gmail.com

** Município do Redondo. E-mail: rmataloto@gmail.com

*** University of Louisville; PortAnta, Archaeological opportunities in Portugal. E-mail: boaventura.rui@gmail.com

**** Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia; Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, (University of Coimbra. E-mail: davidmiguelgoncalves@gmail.com

The rarity of the spoilia, its importance and relevancy, in the context of the Iron Age occupation in the modern day southern interior territory of Portugal, deserves this report.

Keywords: Iron Age – Roman – Villa of Torre de Palma – cremation – metals – ceramic – history of archaeology in Portugal

1. SINOPSE DO SÍTIO

O sítio arqueológico de Torre de Palma, localizado na herdade homónima, é conhecido pela existência de uma *uilla* romana com uma extensa *pars rustica* e uma *pars domestica* pavimentada com elaborados mosaicos. Instalada em meados do século I D. C., esta *uilla* foi ampliada durante os séculos III-IV com um complexo balneário monumental e uma basílica paleo-cristã, com um edifício adjacente coevo, possivelmente um mosteiro (Fig. 1).

A basílica, à qual foi adicionada um baptistério cruciforme duplo, foi prolongada para oeste, tornando-se num edifício religioso com duas duplas absides. Já com a parte nascente da basílica abandonada, a área oeste continuou a ser utilizada para fins religiosos e administrativos pelo menos até ao século XVI, sendo denominada em documentos eclesiásticos como *Ermida de São Domingos* (Soares, Curvo e Lima, 1758), topónimo que perdurou localmente até ao presente (Boaventura e Banha, 2006; Langley, 2006).

Portanto, este sítio tem sido referenciado pela sua ocupação inicial em período romano, que se prolongou ao longo de séculos, registando-se a utilização de algumas das suas estruturas entre os séculos XIII e XVI como centro administrativo e religioso cristão do reino de Portugal, apesar da continuidade entre estes dois extensos períodos ser ainda difusa.

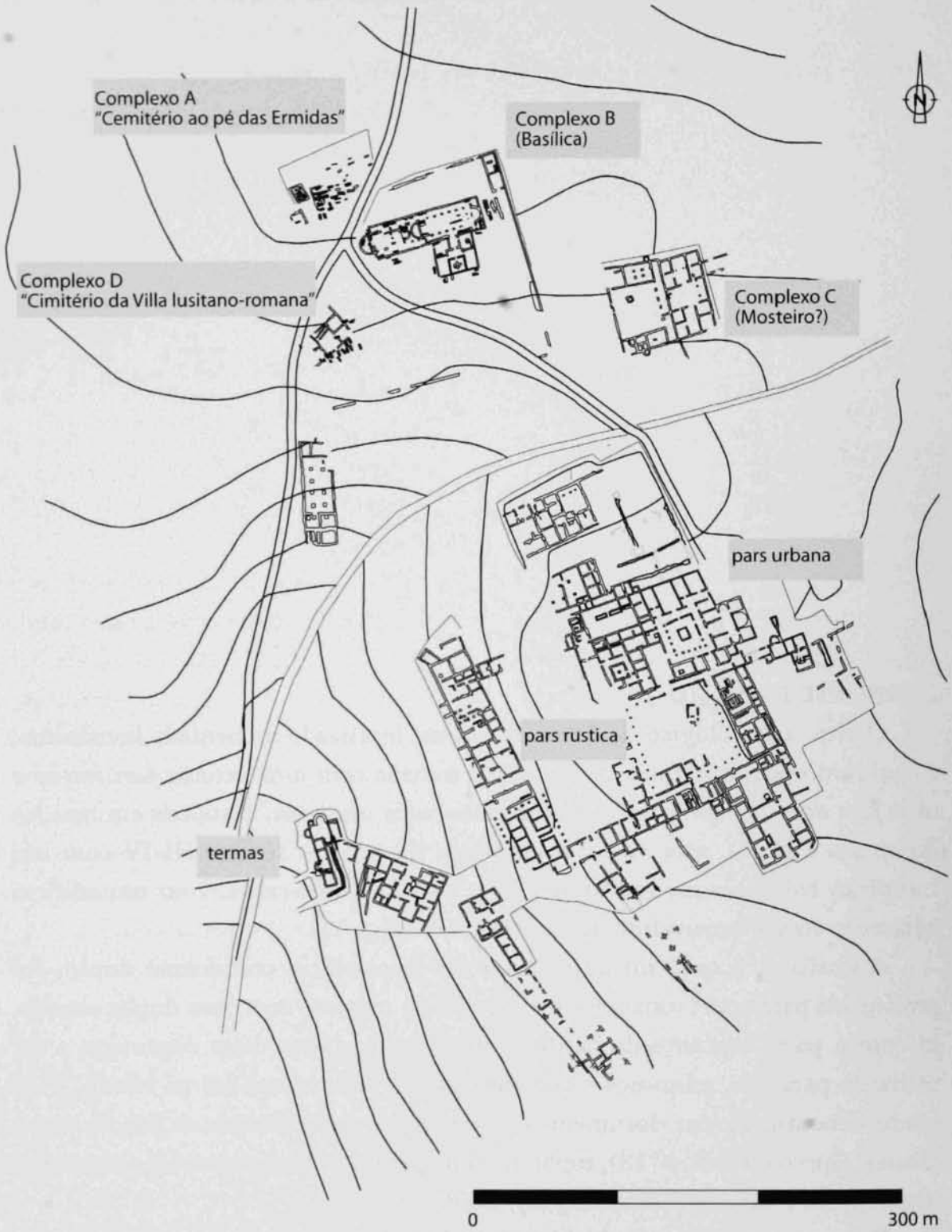

Fig. 1 – Estruturas conhecidas de Torre de Palma, assinalando-se os principais complexos referidos no texto.

2. TORRE DE PALMA E O TERRITÓRIO ALTO ALENTEJANO. GEOGRAFIA E PAISAGEM

O sítio arqueológico de Torre de Palma encontra-se em pleno Alto Alentejo, distrito de Portalegre, concelho de Monforte, freguesia de Vaiamonte, próximo do festo entre a bacia do Tejo e do Guadiana, situado a pouco quilómetros para o Este-Sul (Fig. 2 e 3).

A *uilla* romana implanta-se na extremidade de um extenso patamar aberto a Sul-Oeste, limitado a nascente por relevos carbonatados, dominando a vastidão da paisagem alentejana, ficando no limiar do horizonte, a Sul, o recortar da serra d'Ossa. Os vestígios romanos dispersam-se por duas lombas muito ligeiras, separadas por uma pequena linha de água: de um lado, o/s cemitério/s e a/s ermida/s, do outro, o essencial do complexo residencial e produtivo (Fig. 1)

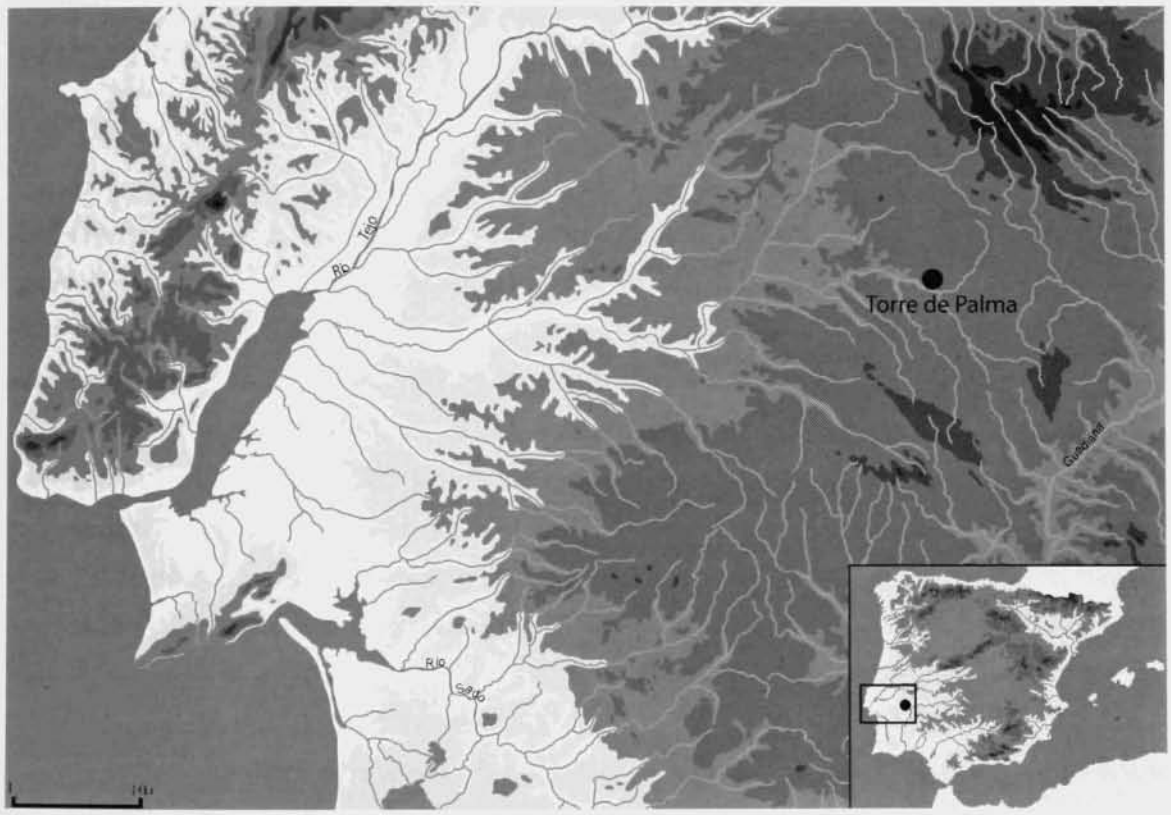

Fig. 2 – Torre de Palma no território alto alentejano.

A estratégia de implantação da *uilla* neste local parece revelar um conhecimento ancestral do território, já notado no extenso povoado pré-histórico do Pombal (Boaventura, 2001), a cerca de 500 metros para norte desta, ou ainda hoje no Monte de Torre de Palma, aproximadamente na mesma distância. Apesar de se localizar em formações silúricas (substrato xistoso), que normalmente originam solos pouco férteis, a *uilla* implantou-se no pé de relevos de calcários cristalinos,

Fig. 3 – Vista geral de Torre de Palma e paisagem envolvente.

dos quais brotam várias nascentes. Assim, esta instalação aproveitou a riqueza aquífera local, bem como a deposição de sedimentos ricos originados pela erosão dos relevos carbonatados. Actualmente, os solos são profundos, argilosos e pesados (categorias A-B), fixados no micro-topónimo de Lameira ou Lameira de S. Domingos, mas já em período romano seriam férteis e propícios para a agricultura, o que a extensão do complexo produtivo romano de Torre de Palma parece confirmar. No entanto, o estudo realizado por A. Clarke (1992) ao estimar a média de sedimentação ocorrida no sítio, verificou que aquela deposição só terá acelerado em finais da época romana, princípios da Idade Média. Isso explicaria os cerca de 60 cm que cobriam em regra os vestígios, bem como, parte das fundações da ermida de S. Domingos assentarem sobre esses sedimentos, portanto, acima das fundações da basílica.

As paisagens abertas (Fig. 3) e os caminhos fáceis acabaram por se plasmar num entrecruzar de vias que, de noroeste e sudoeste, ligavam, em época romana, o mar ao interior da actual *Extremadura* espanhola, onde se fixou a capital *Augusta Emerita*. Cremos que estes seriam os caminhos que, muito antes dos romanos, se cruzaram e fixaram, tecendo uma malha cultural bem marcada pelas duas realidades em contacto.

Torre de Palma estaria, então, instalada num enorme corredor de transitabilidade natural que une as "vegas" do Guadiana ao fundo do estuário antigo do Tejo, que deveria ter em Santarém o eixo de interacção.

3. BREVES HISTÓRIA E "ESTÓRIAS" DAS INTERVENÇÕES NO CAMPO E NO MUSEU.

O sítio foi descoberto em finais de Fevereiro de 1947, graças à curiosidade de Joaquim Inocêncio Militão, um trabalhador rural da Herdade de Torre de Palma, que lavrava naquela courela. Apesar de informado pelos rendeiro e proprietário da herdade, Manuel Heleno, então director do actual Museu Nacional de Arqueologia (MNA), só promoveu as escavações depois das primeiras notícias sobre os achados e os trabalhos, que António José Sardinha de Oliveira ali realizava, saírem nos jornais (Diário de Notícias, 21/3/1947; O Século, 26/3/1947, etc.). Daí em diante, essas escavações desenrolaram-se sazonalmente quase todos os anos até 1964, ano em que este se terá reformado do cargo, apesar de ter continuado no seu gabinete até 1966, durante a Direcção interina de J. Saavedra Machado (1987; e informação pessoal de Margarida Cunha, secretária de F. Almeida desde a sua nomeação). As várias campanhas de escavação foram realizadas durante os interregnos das culturas, supervisionadas à distância por M. Heleno e no local por funcionários do Museu, nomeadamente Jaime Roldão, Manuel Madeira, Rosa Capeans, João Lino da Silva, João Saavedra Machado, ou ainda Georg e Vera Leisner, que executaram, nos primeiros anos, muitos dos desenhos técnicos da *pars domestica* e *rustica* (Leisner, 1947 e 1949; Heleno, 1949; Almeida, 1972). No entanto, J. L. Silva, o funcionário que mais tempo ali passou, destaca-se pela importância dos seus relatórios epistolares (com anotações e plantas) que se tornaram ferramenta incontornável, mais do que os parcos apontamentos de M. Heleno, para o deslindar de designações das áreas escavadas, bem como da proveniência do material exumado.

Na peugada de M. Heleno, mas, curiosamente, apenas após a sua morte, Fernando de Almeida procede, entre 1971 e 1972, a trabalhos arqueológicos em Torre de Palma, dos quais apenas deu brevíssima nota, nomeadamente indicando 4 novas sepulturas em planta, dentro da área da ermida, e mais sepulturas, "a poucos metros da basílica, para poente" (Almeida, 1972-74: 106, 108). Essa informação coincide com o seu caderno de campo (Almeida, 1971: 5-33), onde anotou a escavação e trabalhos de conservação entre 21 e 24 de Junho de 1971 e mais algumas observações e medições durante o mês de Setembro de 1972.

Finalmente, em 1983 Stephanie Maloney, da Universidade de Louisville (Kentucky, E.U.A.), iniciou um novo ciclo de trabalhos arqueológicos, procedendo a campanhas de clarificação e escavação da basílica, bem como ao desenho das estruturas expostas da *uilla* (Maloney e Hale, 1996; Maloney, 1999-2000). Outros sectores foram também alvo de intervenções pontuais,

com maior ênfase na área sul. Essas campanhas continuaram até Julho de 2000 (Maloney, 1999-2000).

Simultaneamente, no âmbito do projecto luso-francês realizou-se o "Corpus dos mosaicos romanos de Portugal", dedicado a Torre de Palma (Lancha e André, 2000). Contudo, em vez de se limitarem à discussão da sua temática particular, os mosaicos, que concretizam com qualidade, aventuraram-se descuidadamente por águas menos claras. Por exemplo, se tivessem cruzado, de facto, a informação patente na planta da *uilla*, existente no Museu, e que publicaram, com as referências de proveniência associadas aos materiais em depósito, teriam conseguido aproximadamente um quadro cronológico bem mais sólido do que aquele que apresentaram. Nesse sentido, as recensões bibliográficas de S. Maloney e M. Huffstot (2002) e de R. Ling (2005) destacam esse resultado desequilibrado, nomeadamente no que concerne o faseamento das construções, pois, "*in any case, given the complexity of the site and the lack of stratification, it is difficult to share the confidence with which the authors distinguish the phases and assign them dates. Much of the fabric of their interpretation seems to me speculative. Some details, indeed, are positively unconvincing...*" (Ling, 2005, p. 330).

Quando, em finais de 1966, M. Heleno saiu do Museu Nacional de Arqueologia, fê-lo num ambiente de despeito com o novo Director, F. Almeida (Informação pessoal de M. Cunha). Depois de ter vindo cumprimentá-lo pela nomeação, no mesmo dia, melindrou-se com a mexida de algumas das "suas" peças depositadas nos "reservados" (Almeida, 1967). Também, além de manter como "reservados" todas as colecções por ele exumadas, levou consigo o conjunto de anotações, plantas e correspondência das suas escavações, ao serviço daquela instituição, em centenas de sítios em Portugal, nomeadamente de Torre de Palma. Infelizmente, M. Heleno cometera o pecado que assombra a maioria dos arqueólogos: demasiada escavação e pouca publicação, agravado pelos seus "bloqueios comunicacionais e dificuldades de relacionamento" (Fabião, 1999, p. 126).

O primeiro relatório semestral, produzido por F. Almeida, e enviado ao Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, retrata um museu refém de M. Heleno, mesmo que, depois da discussão ocorrida em finais de 1966 ou no princípio de 1967, não pareça que este tenha retornado ao Museu (informação pessoal de M. Cunha), mas continuava na "*posse efectiva de metade do 1º andar do Museu, de um grande gabinete* (...) *e, de pelo menos, seis grandes vitrinas* (...)" (Almeida, 1967). Por isso, o novo Director solicitava hierarquicamente diversos esclarecimentos e resoluções. Mas não surtiram efeito,

visto que já após a morte de M. Heleno, a 25 de Agosto de 1970, F. Almeida tentava ainda, infrutiferamente, junto do filho do ex-director obter os materiais e apontamentos que este detinha em sua casa (Almeida, 1970 e 1972a), com o pretexto e a promessa de um volume de *O Arqueólogo Português* dedicado a seu pai. É provável que o texto de necrologia dactilografado por F. Almeida acerca de M. Heleno tenha sido escrito já após essas tentativas, afirmando que "*bastariam estes trabalhos para ser classificada de notável a acção do Prof. Heleno (...) se os materiais recolhidos (...) tivessem sido estudados e publicados*" (Almeida, 197_). No mesmo texto, salientava ainda que constava "*que em sua casa* [de M. Heleno] *existe um bom número de cadernos de campo escritos pelo seu punho. Se um dia for possível ter-se acesso a esses documentos, (...) poderá então ser apreciada em todo o seu valor e a arqueologia nacional muito irá lucrar com essa divulgação*" (Almeida, 197_). Esse desiderato é reafirmado no relatório de actividades do Museu, onde se reitera a importância desses apontamentos (Maia et al, 1974--77, p. 8).

De facto, M. Heleno sonegou os únicos exemplares com as informações que permitiriam a posteriores investigadores a compreensão e interpretação dos materiais recolhidos, no caso presente, em Torre de Palma. Assim, apesar da maioria da colecção do Museu se apresentar com a sua proveniência aproximada assinalada (ex: "Lado da Eira", "Continuação das Construções, Talhão XII", etc.), essas referências tornaram-se inúteis. Simultaneamente, também a confusão entre designações como "Cemitério ao pé das Ermidas", "Cemitério fora das sepulturas", "Cemitério" e "Necrópole", colocaram o investigador perante uma colecção perdida de sentido e sem a possibilidade do seu estudo contextualizado.

Felizmente, em 1998, as pródigas anotações e epistolário dos funcionários retornaram ao MNA do seu êxodo indevido, ainda que num estado de preservação lastimável, depois de expostas a mau acondicionamento e humidade (Informação pessoal de L. Raposo). Graças a essa importante re-aquisição tem vindo a ser possível o esclarecimento e desmistificação de vários casos problemáticos da Arqueologia portuguesa, ainda que registando-se lacunas na documentação recuperada, nomeadamente a descodificação das antas escavadas por M. Heleno (Rocha, 2005) ou das suas intervenções na região de Monforte (Boaventura, 2001; Boaventura e Banha, 2006; Langley, 2006), com especial ênfase para Torre de Palma. Assim, relativamente a este último, encontra-se ainda em curso o inventário sistemático da extensa colecção, entretanto iniciado em Outubro de 2000, no âmbito do doutoramento de um dos signatários (M.L.), agora conjugado com a informação constante naqueles apontamentos.

4. OS COMPLEXOS FUNERÁRIOS DE TORRE DE PALMA E A/S PROVENIÊNCIA/S DOS MATERIAIS DA IDADE DO FERRO

Actualmente, o espólio do MNA - anotações, fotografias, mapas e artefactos - produzido por M. Heleno e F. Almeida, está a ser estudado em conjunção com os dados recolhidos por S. Maloney. Para o efeito organizou-se uma base de dados que fundiu essas informações através de uma série de Complexos, permitindo dessa forma uma compreensão global da/s colecção/ões (Fig. 1).

No âmbito da investigação desenvolvida verificou-se (ou reverificou-se) a presença de vários contentores cerâmicos e materiais metálicos não romanos, nomeadamente de época pré-romana. Este conjunto artefactual foi exumado tanto nas escavações de M. Heleno como de S. Maloney – trabalhos que ocorreram com cerca de 30 anos de interregno – encontrando-se a maioria dos objectos concentrada nas áreas dos, actualmente designados, Complexos A e C.

Estudos anteriores haviam anotado a existência isolada de alguns materiais pré-romanos no MNA (Martins, 1973; Ponte, 1987 e 2006; Fabião, 1998, vol. I, p. 172), todavia, foram desde logo levantadas algumas reservas quanto à real atribuição daquelas peças a Torre de Palma (Fabião, 1998, vol. I, p. 170). Para tal contribuiu a hipótese, plausível, de que se teria registado no Museu alguma confusão nas designações das peças entre os funcionários, nomeadamente por aquele que tinha a seu cargo a escavação de vários sítios em simultâneo como a Cabeça de Vaiamonte, Torre de Palma, Herdade do Reguengo, etc., e posteriormente as enviava por encomenda postal ferroviária, para Lisboa. No entanto, este não parece ser o caso de Torre de Palma pois, a existência de espólio cronologicamente semelhante exumado em dois momentos distintos, as intervenções de M. Heleno e S. Maloney, parece assegurar a integridade da colecção do MNA. Essa impressão parece reforçada pela carta de J. L. Silva para M. Heleno, datada de 25 de Agosto de 1960, onde se atesta algum rigor no envio dos materiais arqueológicos e, especificamente, de um lote proveniente da mesma área do aqui em estudo, devendo mesmo tratar-se das peças agora apresentadas:

" (...) *Exmo. Sr. Director mandei pedir a V. Exa., autorização // para ir a Lisboa no proximo Sabado, como não tive // resposta, creio eu que V. Exa. autoriza: tenho 19 peças // de cerâmica encontradas no cemitério, entre elas há // duas grandes urnas, e duas pequenas taças de cerâmi//ca de terra Sigillata; no proximo Sabado levo algum // material para V. Exa. vêr: em Torre de Palma nunca // apareceu tanta cerâmica como neste cemitério.*(...)" (Silva, 1960b).

Com a identificação dos referidos materiais sidéricos surgiu, então, a questão da sua proveniência no âmbito do sítio de Torre de Palma. Alguns materiais apresentavam a marcação "Cemitério ao pé das Ermidas", outros "Cemitério fora

das sepulturas", outros somente "Cemitério" e "Necrópole". Portanto, procurámos esclarecer os potenciais espaços funerários ali escavados e seus achados, o que, para tal objectivo, a documentação do Arquivo Heleno foi essencial.

A primeira área onde parece ter sido detectado um contexto funerário foi na *pars domestica*, referida por M. Heleno logo em 22 de Março de 1947, aquando da sua primeira visita à área dos mosaicos, tendo anotado que "*apareceu tambem uma sepultura com ossos*" (Heleno, 1947, p. 8). Infelizmente, não foi possível identificar esses vestígios até ao momento.

A segunda área funerária terá sido detectada em 1953, inicialmente por sondas, tendo J. L. Silva procedido à escavação do "cemitério" entre finais de Setembro e finais de Outubro (Silva, 1953b). Os achados, de acordo com o relatório, foram bastante limitados, resumindo-se a sepulturas sem qualquer tipo de espólio e algumas com ossadas, uma pequena medalha, cerca de 1 dúzia de moedas e diversos fragmentos de cerâmica (Silva, 1953). Essa descrição coincide com a planta desta área, designada "Cimitério da Villa Lusitano-romana" (Silva, 1953a), correspondendo ao agora definido Complexo D, apresentando um conjunto de sepulturas, algumas cortando construções pré-existentes. A maioria das sepulturas aí representadas apresentavam-se vazias, mas em algumas constam esqueletos, todavia, sem qualquer representação de material arqueológico específico, o que acontece noutras plantas, nomeadamente na "Capela" e no "Cemitério ao pé das Ermidas".

Somente em 1955, a atenção de M. Heleno se vira para a ermida de S. Domingos. Assim, durante o mês de Setembro, J. L. Silva procede à escavação da área imediatamente circundante da ermida ("ao pé da ermida") e, para sua surpresa, verifica a existência de estruturas inferiores de maior magnitude. Depressa assinala ao seu chefe que se está em presença de dois edifícios sobrepostos (duas ermidas), dentro do qual também surgem sepulturas (Silva, 1955a, 1955b e 1955b). Com o desenvolvimento da escavação o número de sepulturas cresceu, mas sem que isso se reflectisse na quantidade de espólio associado. O registo em planta destas estruturas começou por ser bem detalhado, com as sepulturas enumeradas alfabeticamente e com o conteúdo de cada sepultura, como é possível verificar na primeira planta (titulada "Frente") enviada a M. Heleno, associada às cartas atrás referidas. No entanto, com o avanço da escavação para nascente, o registo do edifício basílica tornou-se menos cuidado pois, apesar de assinalar as estruturas, nomeadamente as sepulturas, estas deixaram de ser enumeradas por qualquer tipo de codificação.

Já na campanha de 1956 os trabalhos junto à "Capela", agora a designação oficial do edifício da basílica, desenvolvem-se ao longo do lado sul, registando-se

a descoberta de várias sepulturas e o baptistério (Silva, 1956a, 1956b e 1956c). Todas essas sepulturas foram inventariadas numericamente, juntando-se a letra A (solução que J. L. Silva terá encontrado para as separar das registadas no interior da basílica). Em geral o registo fotográfico de toda esta área, por nós agora designada Complexo B, é bastante exaustivo para a época, o que não parece ter acontecido no Complexo D, ou, posteriormente, no Complexo A. Contudo, poderá ter ocorrido algum extravio e essas imagens não chegaram até nós.

Os anos de 1957 e 1959 são parcos em documentação, pelo que não é possível saber quando foi iniciada a escavação do "cemitério ao pé das ermidas", ainda que em 1958 os trabalhos estivessem centrados no "lado da Eira", no agora designado Complexo C.

Só em 1960 surge referido, pela primeira vez, o "cemitério ao pé das ermidas", por nós denominado Complexo A, já em fase de conclusão de parte daquele sector. Assim, em 18 de Agosto de 1960, J. L. Silva descreve os achados a M. Heleno:

"(...) *Participo a V. Exa, terminei a construção e Sepulturas // do cemitério ao pé das Ermidas; mando a V. Exa um // pequeno desenho, para V. Exa. ver pouco mais ou me-//nos o que ficou descoberto; é uma construção de // pedra e terra muito difícil de perceber, mas creio // eu que era para segurar as paredes das Sepulturas; // ao lado há uma casa com uns alecerces feitos // de pedra e cal, dentro dela era toda em rócha, mas // trabalharam-a para fazerem as Sepulturas, creio que // as paredes eram ferradas de pedra de mármore, por // que encontrei muitos fragmentos da dita pedra, ain-//da há uma parede com um fragmento; encontrei // algumas peças de cerâmica e duas urnas, e duas // fibulas, duas moedas*(...)" (Silva, 1960a)

Portanto, é com a informação desta carta, e com uma planta da área exposta, no verso da dita (Fig. 4), que se compreende a sua localização e se tem noção do seu cariz funerário. Este cemitério apresentava sepulturas de inumação, mas também algumas sepulturas de incineração, algumas seguramente com materiais romanos associados (Silva, 1960c, 1960d), e que deverá corresponder ao cemitério "próximo da basílica (...) com abundante cerâmica" referido no artigo de M. Heleno (1962, Nota 1).

Outra designação que surge associada a alguns dos materiais metálicos, aqui apresentados, "cemitério, fora das sepulturas" (peça com o código MNA2000.409), não surge em qualquer documentação disponível. No entanto, considerando as informações epistolares dirigidas a M. Heleno, julgamos que essa área corresponderá à área norte do "cemitério ao pé das ermidas" (Complexo A, Ambiente 7), uma das áreas intervencionadas por J. L. Silva (1960e), quando apontava faltar apenas a área sob o caminho, que ainda hoje por ali passa. Curiosamente, este

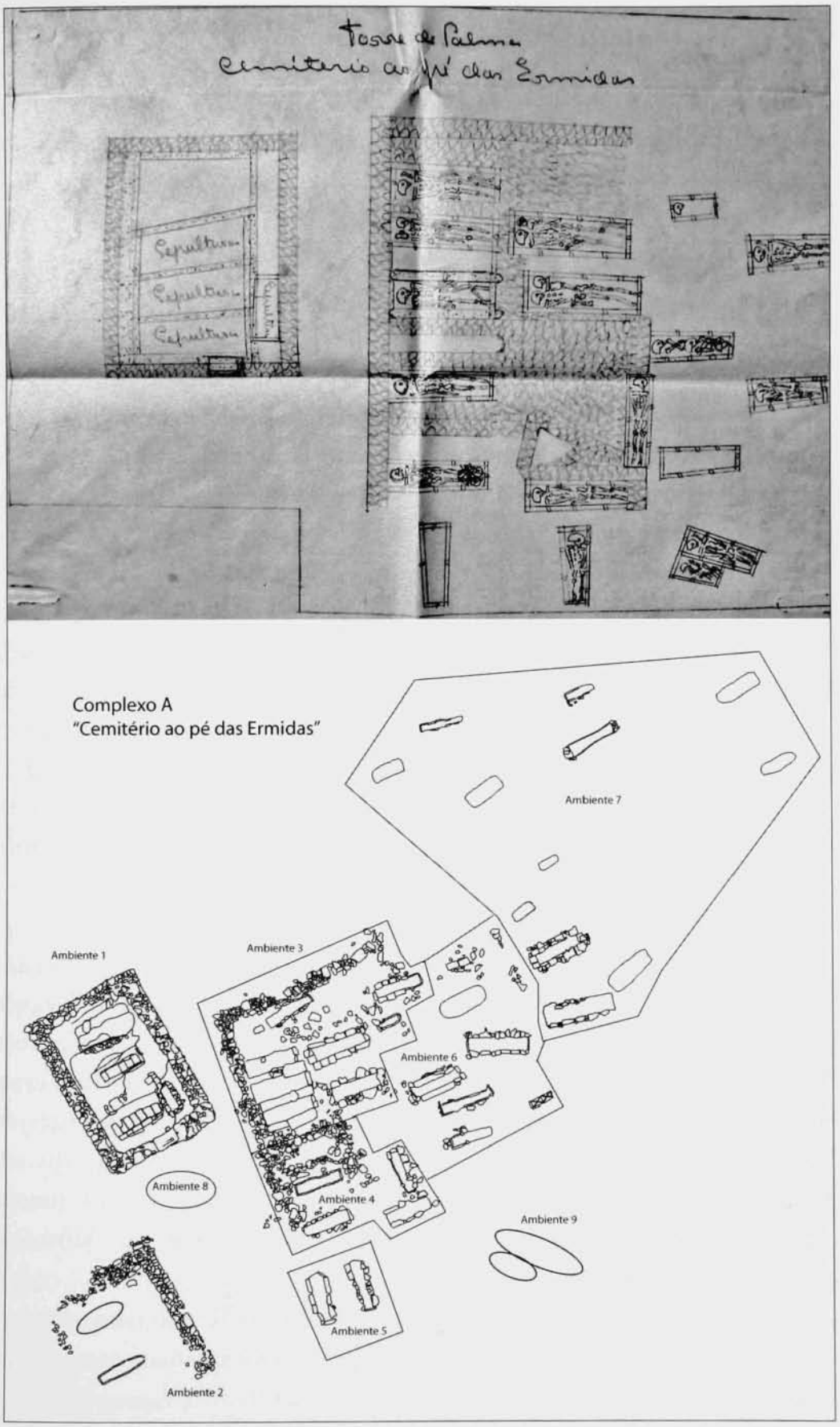

Fig. 4 – Complexo A: planta de S. Lino da Silva (1960a), em cima; planta actual, em baixo.

funcionário reparou que as sepulturas de incineração com *terra sigillata* começaram a surgir na direcção e sob o rebordo da dita via (Silva, 1960d).

Finalmente, a designação "Necrópole" corresponderá a termo mais recente, provavelmente atribuído a peças que foram alvo de tratamento durante os finais dos anos 70, sendo tal expressão utilizada durante a desmontagem do Museu no início dos anos 80, para os contextos funerários.

Por outro lado, para além da referência à proveniência ("Cemitério" ou seguramente "Cemitério ao pé das Ermidas", agora definido por Complexo A) nada associa, com clareza, a maioria deste conjunto de materiais, para além da sua eventual tipologia e espectro cronológico. Todavia, a remissão de alguns deles para um número de sepultura, que vimos acima terem sido claramente identificadas por J. Lino, poderá indiciar uma efectiva associação artefactual sidérica; será necessário assinalar que apenas num caso se encontram associadas cerâmicas da Idade do Ferro, com outras romanas (v. p. ex. sepultura XXX).

Nos inventários do Museu encontram-se registadas quatro sepulturas com materiais sidéricos, nomeadamente a XVI (2000.419.1), XVII (2000.420.1; 2000.420.2), XVIII (2000.421.18) e XXX (2000.426.01; 2000.426.03; 10 002/5/78; 10 002/6/78; 10 002), sendo que esta última integra uma lucerna, claramente de época romana. Não deixa de ser relevante verificar que três delas surgem com numeração sequencial, eventualmente resultante da sua identificação numa mesma área, indiciando a sua proximidade espacial. Infelizmente ainda não foi possível localizar estas quatro sepulturas entre as estruturas do cemitério.

5. A NECRÓPOLE DA IDADE DO FERRO DE TORRE PALMA

A avaliação de um conjunto de material arqueológico desprovido de contexto é sempre um exercício arriscado, onde nos temos que guiar por elementos directores que indiciem, com alguma clareza, a existência de ocupação num dado espectro cronológico. Todavia, a vida dos objectos é, muitas vezes, fugidia, abreviando-se ou estendendo-se no Tempo e, até mesmo, no Espaço. Por outro lado, se este fenómeno se evidencia bem em contextos habitacionais, em contextos funerários torna-se ainda mais complexo, pelas idiossincrasias dos vivos, mas também dos mortos ...

As necrópoles são, então, "campos-santos" onde o Tempo nem sempre flui e decorre de igual modo, tornando-se muitas vezes extremamente complexo aprisionar as diacronias e sincronias do rito ...

Assim, ficando clara a especificidade dos contextos funerários, em particular os desprovidos de contexto, agravada pela escassez dos mesmos no Sul do país

para cronologias recuadas da Idade do Ferro, sem esquecer igual desprovimento de âmbitos habitacionais conhecidos, terá que ser com notável cautela que nos teremos que lançar na tarefa proposta.

O conjunto pode subdividir-se, de momento, ao menos em dois subgrupos, um cerâmico e outro metálico. Ambos apresentam, ainda, um conjunto de peças possíveis, que requerem uma análise mais atenta, e que deixaremos para um trabalho mais alargado.

Cremos, efectivamente, que estamos perante um conjunto artefactual proveniente de um contexto funerário, na justa medida em que as peças, nomeadamente cerâmicas, se apresentam completas ou quase completas, mas também porque um destes recipientes, a urna 2000.405.7, apresentava ainda alguns ossos carbonizados no seu interior, apesar de já (in)devidamente limpos e desprovidos das cinzas. Deste modo, além de confirmar a presença de um contexto funerário, indica igualmente que se trata de uma necrópole de incineração, com deposição dos restos carbonizados no interior de urnas.

A análise dos dois conjuntos de restos carbonizados realizados por um de nós (D.G.), permitiu a identificação de um bebé com 12-24 meses de idade depositado dentro da urna 2000.405.7. Do outro conjunto, associado à urna 2000.421.18, só foi possível verificar a presença de restos humanos, mas inclassificáveis.

5.1. O espólio cerâmico (fig. 5, 6 e 7)

O conjunto cerâmico é composto, de momento, por três potes e dois vasos, que se encontram em razoável estado de conservação, onze tigelas e taças, além de quatro possíveis unguentários. A extensão, e modo disperso, como se encontrava a colecção, impõem que se retenha ainda a possibilidade de virem a surgir novos recipientes passíveis de se integrar nas tipologias disponíveis para a Idade do Ferro, carecendo outros de uma análise mais cuidada.

Listagem:

2000.405.7 – Pote bojudo, elaborado a torno, de bordo extrovertido, com três ressaltos perimetrais sob o curto colo, apresentando fundo acentuadamente côncavo e bom acabamento exterior, de cor castanha acinzentada; encontra-se colado, faltando-lhe apenas a totalidade do lábio, impossibilitando um diâmetro fiável.
Altura máxima: 24 cm
Proveniência: Cemitério

2000.421.18 – Vaso baixo, elaborado a torno, de bordo ligeiramente extrovertido, de fundo plano; acabamento exterior algo tosco, de pastas medianamente depuradas, de cor castanha avermelhada; encontra-se regularmente conservado, fracturado, faltando-lhe boa parte do bordo e bojo. Diâmetro do bordo: 14,6 cm e 11,55 cm de altura máxima.
Proveniência: Sepultura XVIII

2000.419.1– Pote produzido a torno, de perfil em "S", com bordo extrovertido e um ligeiro colo, relativamente bojudo e fundo côncavo; no terço inferior apresenta um pequeno orifício circular, com cerca de 0,9 cm de diâmetro, efectuado pós-cozedura. O interior apresenta claros indícios de ter contido restos carbonizados, de que restam ainda escassos ossos de reduzidas dimensões. A superfície exterior, relativamente cuidada e espatulada, apresenta cor cinzenta acastanhada. Diâmetro do bordo: 26 cm; Altura: 34,7 cm; encontra-se completo.
Proveniência: Sepultura XVI

2000.405.10 – Pote, elaborado a torno, de perfil em "S" e bordo bastante exvasado, sem colo e fundo ligeiramente côncavo. A superfície exterior apresenta uma cor; encontra-se completo. Diâmetro do bordo: 20 cm; altura máxima: 32 cm.
Proveniência: Cemitério

"10.002/6/78" - Vaso baixo, elaborado a torno, de bordo ligeiramente extrovertido, bojo troncocónico e fundo plano; bom acabamento exterior, com pasta depurada, de cor cinzenta clara; encontra-se completo. Diâmetro bordo: 9,2 cm e 7 cm de altura máxima.
Proveniência: Sepultura XXX

2000.394.11 – Tigela de pequena dimensão, de bordo simples, ligeiramente introvertido, e fundo com escassa concavidade; elaborada a torno, em cerâmica cinzenta fina polida, com pasta bastante depurada; diâmetro bordo: 15,8 cm; altura: 4 cm; encontra-se fracturado mas quase completa.
Cemitério ao pé das Ermidas. Camada 0,50

2000.394.45 – Taça carenada, elaborada a torno, com carena bastante acentuada, quase em ombro, em cerâmica cinzenta escura, com pasta depurada e acabamento exterior polido. Diâmetro máximo: 25 cm; encontra-se colada, apresentando mais de 2/3 do total de fragmentos.
Proveniência: Cemitério ao pé das Ermidas. Camada 0,50

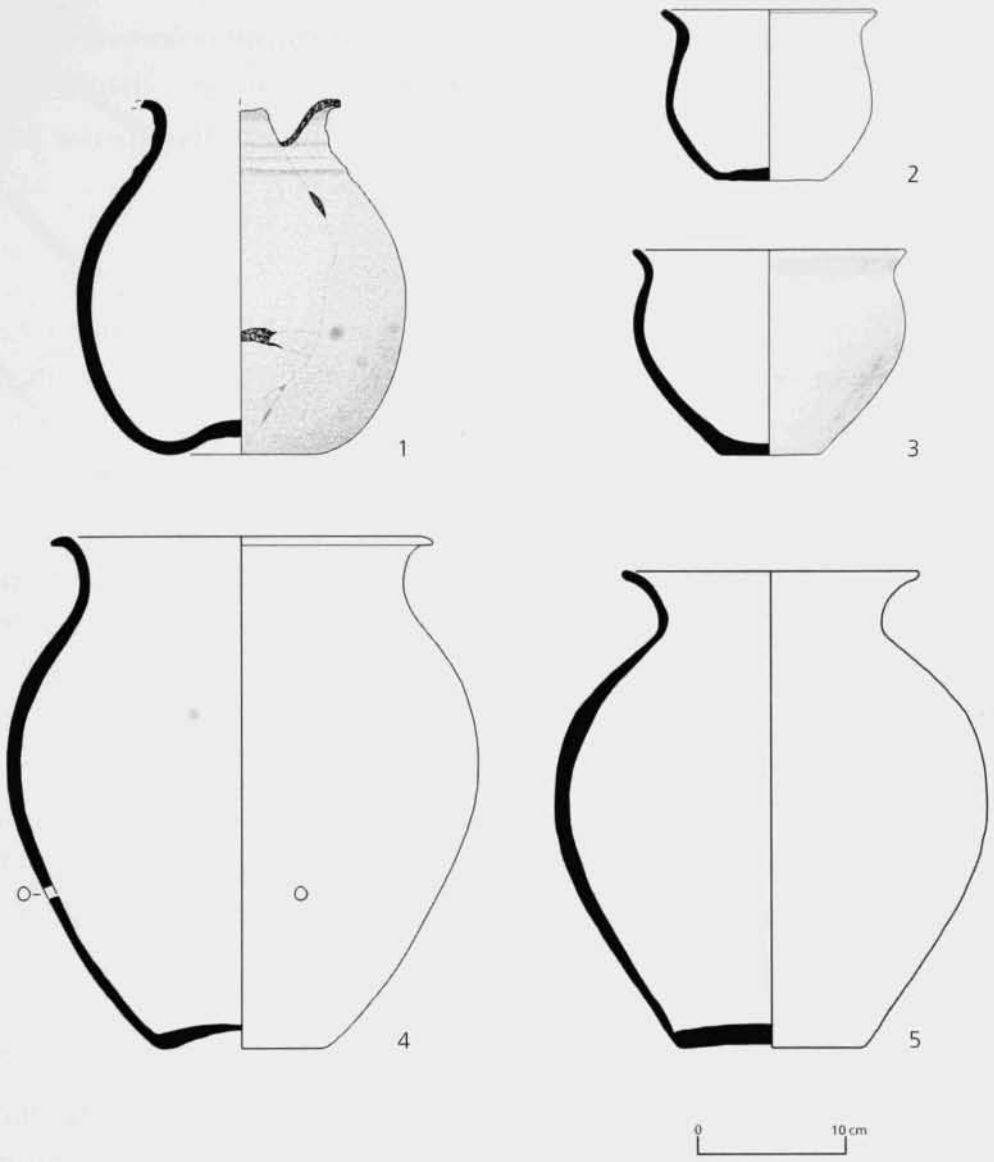

Fig. 5 – Potes e vasos de Torre de Palma, provenientes do Complexo A. 1 – TP 2000.405.7; 2 – 2000.421.18 Sep. XVIII; 3 – TP 10 004 Sep. XXX; 4 – TP 2000.419.1 Sep. XVI; 5 – TP 2000.405.10.

2000.405.03 – Prato carenado, elaborado a torno, com pasta medianamente depurada, de cozedura oxidante, que lhe confere uma tonalidade alaranjada. Diâmetro máximo: 35,5 cm; apresenta-se parcialmente colada, estando completa.
Proveniência: Cemitério

2000.405.08 – Tigela de bordo engrossado e fundo plano, elaborada a torno, em cerâmica cinzenta, de média qualidade; diâmetro bordo: 13,7 cm; altura: 4,2 cm; encontra-se fracturada e quase completa.
Proveniência: Cemitério

2000.405.09 – Tigela de bordo simples e fundo ligeiramente côncavo, elaborada a torno, de pequena dimensão, com pasta alaranjada depurada; diâmetro bordo: 16,5 cm; altura: 7 cm; encontra-se fracturada, faltando-lhe apenas parte do bordo.
Proveniência: Cemitério

2000.405.11 – Taça carenada, elaborada a torno, em cerâmica cinzenta fina clara, com pasta bastante depurada, quase sem elementos não plásticos. Diâmetro máximo: 15,8 cm; encontra-se colada, apresentando-se completa.
Proveniência: Cemitério

2000.405.12 – Tigela de bordo simples e fundo plano; elaborada a torno, em cerâmica cinzenta, com pasta depurada; diâmetro bordo: 17 cm; altura: 6 cm; encontra-se fracturado mas quase completa.
Proveniência: Cemitério

2000.405.15 – Tigela de bordo simples e fundo plano, de pequena dimensão; elaborada a torno, em cerâmica cinzenta fina polida, com pasta bastante depurada; diâmetro bordo: 11,7 cm; altura: 4 cm; apresenta uma pequena perfuração subcircular pouco abaixo do bordo; encontra-se completa.
Proveniência: Cemitério

2000.420.2 – Pequena taça, produzida manualmente, com pasta castanha acinzentada bastante depurada, de superfície exterior polida e fundo em ônfalo; Diâmetro bordo: 10,8 cm; altura: 6,6 cm; apresenta-se completa.
Proveniência: Sepultura XVII

"10.002/11/78" – Tigela de bordo simples e fundo plano; elaborada a torno, em cerâmica cinzenta, com pasta muito depurada; diâmetro bordo: 12,5 cm; altura: 4,5 cm; encontra-se fracturado completa.
Proveniência: XXX

"10.002/5/78" – Pequena taça, produzida manualmente, com pasta castanha acinzentada bastante depurada, de superfície exterior polida e fundo em ônfalo; Diâmetro bordo: 10,6 cm; altura: 6,6 cm; apresenta-se completa.
Proveniência: Sepultura XXX

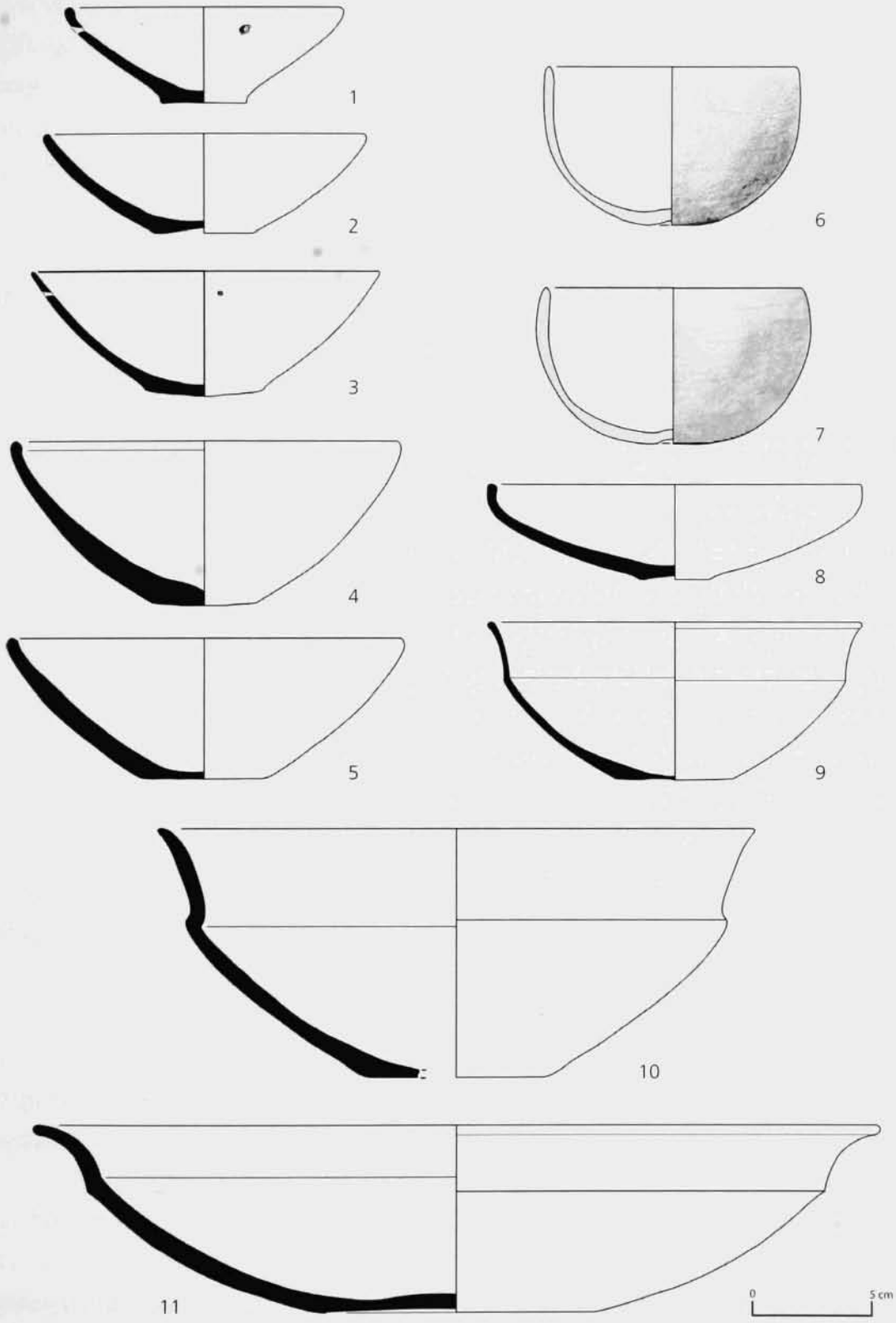

Fig. 6 – Tigelas e taças de Torre de Palma, provenientes do Complexo A. 1 – TP 2000.405.15; 2 – TP 2000.405.9; 3 – TP 10 002 Sep. XXX; 4 – TP 2000.405.8; 5 – TP 2000.405.12; 6 – TP 10 002/5/78 Sep. XXX; 7 – TP 2000.405.2; 8 – TP 2000.394.11; 9 – TP 2000.405.11; 10 – TP 2000.394.45; 11 – TP 2000.405.3

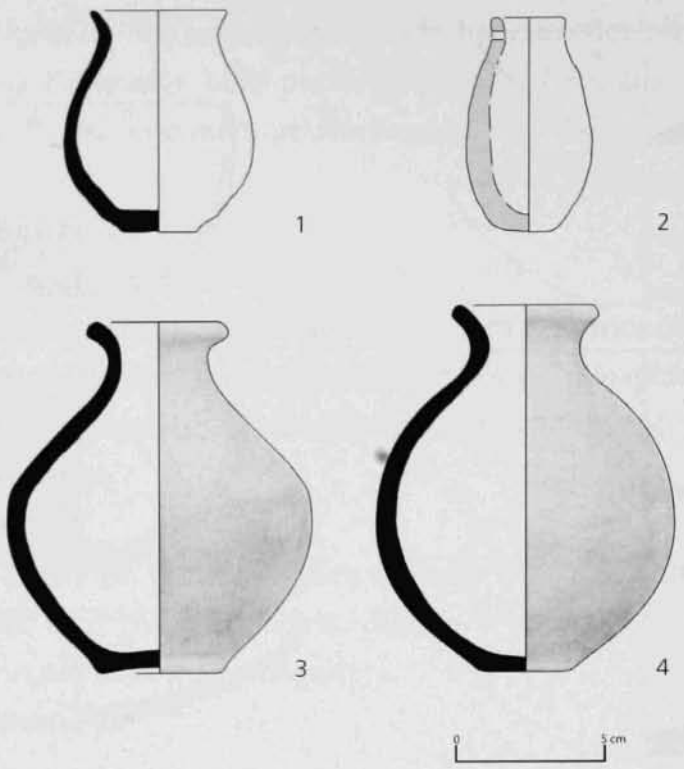

Fig. 7 – Pequenos recipientes de Torre de Palma, provenientes do Complexo A. 1 – 2000.405.6 Cemitério; 2 – 2000.405.5 Cemitério; 3 – TPalma Sep. XVII 2000.420.1; 4 – TPalma Sep. XXX 2000.426.03.

2000.405.06 – Miniatura de pote bojudo, de bordo simples ligeiramente exvasado e fundo plano; pasta medianamente depurada de cor acinzentada, provavelmente realizada a torno. Encontra-se fracturada, faltando-lhe parte do bordo. Diâmetro do bordo: 4,5cm; altura máxima: 7,4 cm.
Proveniência: Cemitério

2000.405.05 – Pequeno recipiente de corpo ovóide, de colo estrangulado curto e lábio simples, com fundo ligeiramente aplanado, realizado manualmente. Encontra-se completo. Diâmetro bordo: 2,5 cm; altura máxima 7,1 cm.
Proveniência: Cemitério

2000.420.1 – Pequeno pote de bordo ligeiramente exvasado, colo bastante estrangulado, e bojo globular, de fundo plano ligeiramente destacado. Apresenta um acabamento espatulado, bastante degradado, de cozedura oxidante e pasta medianamente depurada. Diâmetro bordo: 4,9 cm; altura: 12,3 cm; apresenta-se completa.
Proveniência: Sepultura XVII

2000.426.03 – Pequeno pote de bordo ligeiramente exvasado, colo bastante estrangulado e bojo de tendência bicónica, com aresta bastante esbatida, de pé ligeiramente destacado e côncavo. Apresenta um acabamento espatulado, bastante degradado, de cozedura oxidante e pasta medianamente depurada. Diâmetro bordo: 4,7 cm; altura: 11,8 cm; apresenta-se completa.
Proveniência: Sepultura XXX

A cerâmica cinzenta é, certamente, um dos tipos cerâmicos mais característicos dos primeiros momentos da Idade do Ferro no Sul peninsular, encontrando-se extensamente documentada em contextos indígenas, mas igualmente nas diversas realidades coloniais.

Ainda que não seja propriamente frequente no interior alentejano (Mataloto, 2004, p. 91), julgamos importante reforçar a enorme relevância que a cerâmica cinzenta assume nos grandes povoados do estuário do Tejo, como Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo, 2000) ou Almaraz (Arruda, 1999-2000, p. 102) ou, mais em particular, Santarém (Arruda, 1999-2000, p. 198) pela sua maior proximidade com o território alentejano.

Este tipo cerâmico apresenta uma longa tradição de investigação, enquadrada na análise das realidades de fundo "tartéssico" ou "orientalizante", valorizando-se mais, em certos casos, a sua origem local, na sequência das suas afinidades com a cerâmica brunida do final da Idade do Bronze, enquanto noutros se reforça a sua feição exterior, decorrente do processo de colonização fenícia (Vallejo, 1999; 2005).

A cerâmica cinzenta proveniente do "Cemitério ao pé das Ermidas" distribui-se por quatro formas distintas, potes (Fig. 5), vasos (Fig. 5), taça carenada e tigela de bordo simples ou espessado (Fig. 6), distribuídas por duas produções bem diferenciadas.

Estas encontram, ao nível do fabrico, um paralelo razoavelmente directo nas produções A e B de Alcácer do Sal (Silva, Soares, Beirão, Dias e Coelho-Soares, 1980-81, p. 178) que, para abreviarmos, poderemos designar de clara e escura. Estas duas produções distintas encontram-se igualmente documentadas em Abul (Mayet e Silva, 2000, 45).

As diversas formas encontram-se bastante bem documentadas em todo o Sul peninsular, estando presentes nas diversas tipologias disponíveis para a cerâmica cinzenta do Sul peninsular, ainda que as formas mais fechadas assumam algumas particularidades.

O conjunto dos três potes, correspondentes muito provavelmente a três urnas para deposição dos restos incinerados, apresentam morfologias bem documentadas

ao longo da primeira metade do I milénio a.C.. Ao nível da produção podem, genericamente, integrar-se dentro das cerâmicas cinzentas, ou cinzentas acastanhadas, ainda que apresentem um nível de qualidade e acabamento distinto do documentado para as formas abertas. Os paralelos mais directos, quer em termos morfológicos, quer de uso, encontramo-lo nas urnas de cerâmica cinzenta da necrópole de Medellín, em concreto nas suas formas 1, 2 e afim de 5 (Lorrio, 1988-89, p. 300).

O pote 2000.419.1 (Fig. 5) integra-se com facilidade na forma 2 das urnas de Medellín, apesar de apresentar um fundo ligeiramente côncavo, ao invés daquelas que o apresentam exclusivamente plano; estas integram-se na totalidade dentro da sua Fase I (Lorrio, 1988-89, p. 304), isto é entre meados do séc. VII a.C. e inícios do segundo quartel do seguinte.

A peça 2000.405.10 (Fig. 5), bem caracterizada pela ausência de colo e por marcado estrangulamento do bordo, apresenta igualmente bons paralelos na necrópole de Medellín, nomeadamente na forma 1B do mesmo autor, integrada igualmente quase em exclusivo na Fase I (Lorrio, 1988-89, p. 304).

Todavia, estas formas, pela sua relativa simplicidade, enquanto recipientes de média/grande dimensão, acabam por perdurar sem alterações significativas até momentos mais tardios, podendo facilmente atestar-se, em fabricos igualmente redutores, em Cancho Roano (Celestino, 1996, passim) ou em La Mata, nomeadamente nas formas E.2 A a C (Rodríguez Díaz, 2004, p. 253).

O nosso pote 2000.405.7 (Fig. 5) é, no entanto, mais complexo de enquadrar tipologicamente, ainda que tenha algumas similitudes com a forma 5 de Medellín, em particular pelo colo alto e corpo bojudo, diferenciando-se pela presença de um fundo côncavo bem marcado, ausente naquela necrópole; esta forma 5, com exemplar único, parece integrar-se na Fase II (Lorrio, 1988-89, p. 305). Por outro lado, os ressaltos que apresenta entre o colo e o bojo, estão bem documentados em outras formas, como a 3B da urna 27, que pertencem à Fase I. Esta forma e esta decoração apresentam, todavia, inúmeras perdurações, que dificultam qualquer tentativa estrita de cronologia. A reforçar o seu carácter aparentemente mais tardio pode-se assinalar que na citada necrópole as urnas de fundos pronunciadamente côncavos não estão documentadas entre as produções de cerâmica cinzentas, ao invés do que acontece em Cancho Roano, onde são relativamente frequentes, quer nestas produções, quer nas oxidantes (Celestino, 1996, p. 101)

As formas fechadas, do tipo pote, em cerâmica cinzenta, são muito características da necrópole de Medellín, e da área estremenha, sendo relativamente raras nos restantes contextos do Sul peninsular, para as cronologias em questão (Vallejo, 2005, p. 1156), o que reforça as associações do conjunto alentejano com a necrópole de Medellín, em particular, e o espaço estremenho, em geral.

O vaso 10.002/6/78 (Fig. 5) apresenta, igualmente, algumas afinidades com formas de cerâmica cinzenta conhecidas em contextos do litoral, nomeadamente na Sé de Lisboa, em particular na sua forma 3B, com paralelos mais ou menos próximos em Conímbriga, Alcácer ou Santarém, ainda que se não trate de uma forma particularmente bem documentada (Arruda, Freitas e Vallejo, 2000, p. 41 e 47). Por outro lado, não deixa de ser de assinalar a sua ausência em Medellín (Lorrio, 1988-89).

A taça carenada 2000.394.45 (Fig. 6) enquadra-se nos tipos 9 de Doña Blanca (Vallejo, 1999, p. 183), no tipo B. 2 de Medellín (Lorrio, 1988-89, p. 296) ou no tipo I.C. de Abul (Mayet e Silva, p. 48); no entanto, o exemplar de Torre de Palma apresenta, relativamente a estes, uma carena mais acentuada. Julgamos, igualmente, importante realçar as similitudes com os exemplares recolhidos na necrópole da Talavera la Vieja (Jiménez Ávila, 2006, p. 141) que, de resto, constitui um dos conjuntos mais próximos do que aqui apresentamos. Esta forma apresenta igualmente fortes semelhanças com os pratos 3A1 de Medellín, ainda que se distinga deles pela presença de fundos destacados (Lorrio, 1988-89, p. 292).

Recipientes afins deste estão igualmente presentes em contextos coloniais do sudeste peninsular, como Cerro del Vilar, Toscanos ou Alarcón (Aubet, et al., 1999, p. 166).

Não cremos despiciendo assinalar que esta forma apresenta grandes similitudes com morfologias bem documentadas no final da Idade do Bronze do Sul peninsular, mas de produção manual, quer em contextos de povoado (Vilaça, 1995, p. 201; Ruiz Mata, 1995, p. 287), quer de necrópole, como Meijão (Kalb e Hock, 1985) ou Les Moreres (González Prats, 2002, p. 238). Estas mesmas formas encontram-se, também, documentadas nas mais antigas necrópoles sidéricas do Sul peninsular, como Las Cumbres (Córdoba y Ruiz Mata, 2000) ou Setefilla (Aubet, 1975 e 1978).

Parece ser consensual entre os diversos autores a sua presença em contextos do séc. VIII e VII a.C., acompanhando um momento de arranque e expansão da cerâmica cinzenta, entrando em declínio em momentos subsequentes (Vallejo, 1999, p. 154); todavia, os morfótipos abertos carenados em cerâmica cinzenta, mas de formas mais elaboradas e fundos destacados ou em pé de anel, manter-se-ão residualmente até mais tarde, tal como foi possível documentar em sítios tão distintos, e não muito distantes do aqui em foco, como La Mata (Rodríguez Díaz, 2004, p. 252) ou Abul B (Mayet e Silva, 2000, 182).

Relativamente à peça 2000.405.11 (Fig. 6) pode-se afirmar que, apesar de não estar tão frequentemente representada como a anterior, tem na forma 10 de Doña Blanca (Vallejo, 1999, p. 123) uma produção afim, ou em Abul no tipo IIIB1, estando igualmente representada no tipo B.2 de Medellín.

Em termos cronológicos, esta forma encontra-se documentada em Doña Blanca no séc. VIII a.C. desaparecendo no seguinte (Vallejo, 1999, p. 153), tendo-se detectado em Abul A, mas não em Abul B (Mayet e Silva, 2000); também em Medellín esta forma é exclusiva da Fase I, a mais antiga (Lorrio, 1988-89, p. 298). Esta não parece, então, sobreviver para além do séc. VII a.C. ou inícios do seguinte. No entanto, o facto de se tratar de um exemplar único, e de as formas carenadas abertas de cerâmica cinzenta, de vários tamanhos e morfologias, apresentarem em todo o Sul peninsular, como já foi dito, diversas perdurações até momentos bem avançados no milénio relativiza a validade deste elemento.

As restantes formas de cerâmica cinzenta, taças hemisféricas de bordo simples ou espessado, de fundo plano, todas integráveis nas produções mais escuras, B de Abul e Alcácer, correspondem à morfologia mais comum deste tipo cerâmico, estando amplamente documentada em todos os locais onde foi documentada a presença de cerâmica cinzenta; estas acompanham todo o espectro de produção, sendo frequentes até aos meados do milénio, ou mesmo mais tarde. Ao nível do bordo, todas as variantes documentadas são frequentes, não sendo hoje aceitável estabelecer qualquer faseamento a partir do espessamento dos bordos (Arruda, 1999-2000, p. 198). Esta forma, nas suas diversas variantes (pratos de tipo 1A a D), é a mais documentada na necrópole de Medellín (Lorrio, 1988-89, p. 286).

O prato carenado 2000.405.03 (Fig. 6) apresenta uma forma pouco usual, na medida em que associa um largo bordo exvasado a um grande fundo plano, o que não é, de facto, comum nas tipologias disponíveis; todavia, apesar desta particularidade, é possível reconhecerem-se traços de grande proximidade com algumas produções em cerâmica cinzenta, ainda que neste caso corresponda a uma produção oxidante. Apesar da ausência de engobe, também não deixa de ser de registar traços de proximidade com alguns pratos de engobe vermelho (Freitas, 2005).

Este recipiente apresenta algumas semelhanças com os pratos da forma 3A2 de Medellín (Lorrio, 1988-89, p. 291), ainda que estes apresentem fundo destacado ou com ligeira concavidade, sendo igualmente bastante mais profundos. Por outro lado, o autor assinala que existe uma clara progressão dos fundos planos, típicos da Fase I, para os destacados ou côncavos, da fase mais recente. Esta evolução parece ser confirmada em Cancho Roano, onde os grandes pratos carenados de bordo exvasado, aqui de produção oxidante, tal como em Torre de Palma, também apresentam fundo côncavo (Celestino, 1996, p. 100), verificando-se o mesmo em La Mata, onde chegam a apresentar pé de anel (Rodríguez Díaz, 2004, p. 246).

No conjunto de Talavera La Vieja detectaram-se formas relativamente semelhantes desta última (Jiménez Ávila, 2006, p. 166). Também na Fase III

de El Risco se detectaram formas similares (E1a) (Enríquez Navascués, Rodríguez Díaz, Pavón Soldevila, 2001, p. 83), assinalando-se a enorme perduração de formas afins.

Será ainda relevante assinalar a presença de apenas duas formas de produção manual (2000.420.02; 10.002/5/78) (Fig. 6), de formas simples, com fundo em ônfalo, e bom acabamento, de marcado perfil arcaizante, remetendo para as realidades do final da Idade do Bronze. Ambos morfótipos apresentam uma qualidade, acabamento e dimensões tão próximas que evidenciam uma clara vontade de padronização.

Em termos funcionais, não é claro que todas as formas abertas estivessem a cumprir a função de tampa de urnas, ainda que seja a utilização mais usualmente documentada, podendo algumas constituir recipientes de oferendas. Na necrópole de Medellín, os pratos de tipo 1 são principalmente utilizados como tampas das urnas, enquanto que as formas carenadas, podendo também o ser, são mais frequentemente utilizadas enquanto recipiente votivo e mais raras vezes mesmo como urnas (Lorrio, 1988-89, p. 293).

Os dois pequenos potes de bordo estrangulado, 2000.420.01 e 2000.426.03 (Fig. 7), que se poderiam também designar de "garrafas", deverão corresponder a recipientes de unguentos ou perfumes, que acompanham a deposição funerária. Estas formas, ou outras afins, ainda que não sejam propriamente frequentes, encontram-se bem representadas em diversos contextos funerários do Sul peninsular.

As duas miniaturas identificadas como prováveis recipientes da Idade do Ferro (2000.405.5, 2000.405.6) (Fig. 7), poderão ter desempenhado igual função, atendendo à sua dimensão e morfologia. Não é fácil identificar paralelos claros para estas formas, todavia, como se afirmou, está devidamente constatada a presença, em contextos funerários, de pequenos recipientes, por vezes de vidro, para estes fins.

Na necrópole de Talavera la Vieja identificou-se uma forma semelhante aos unguentários tipo "garrafa", ainda que desprovida de bordo (Jiménez Ávila, 2006, p. 137), estando igualmente presente na Fase II de Medellín uma forma afim, justamente designada de unguentário (Lorrio, 1988-89, p. 306). Todavia, parece estar melhor documentada em Alcácer, a partir dos desenhos, um tanto simples, apresentados por W. Schüle (1969, tafel 89, 92, 94 e 95). Um destes recipientes, encontra-se na designada sepultura 88, acompanhado por um púcaro e um conjunto de peças metálicas onde se inclui um fecho de cinturão de tipo "tartéssico" de três garfos (Schüle, 1969, 95), também identificado em Torre de Palma, acompanhando, na sepultura XXX, o unguentário 2000.426.03.

Não sendo fácil rastrear estas pequenas formas em outros contextos mais distantes é, todavia, possível registá-la em plena área ibérica na necrópole de El Cigarralejo, nos unguentários de tipo A.I, com uma cronologia entre os meados do séc. V a.C. e os finais do seguinte (Cuadrado, 1989, p. 83).

Regressando ao território alentejano importa aqui realçar um conjunto de vários destes recipientes detectados recentemente na necrópole da Tera, em Pavia, cerca de 50km a sudoeste de Torre de Palma, que se encontra em escavação por um de nós (R.M.). Estas pequenas "garrafas" surgem com frequência associadas às deposições funerárias em urna, usualmente acompanhadas por formas abertas. Ainda que seja bastante prematuro, é possível que a necrópole da Tera se enquadre algures entre os finais do séc. VI a.C. e grande parte do século seguinte.

5.1. O espólio metálico (v. fig. 8 e 9)

Se o conjunto cerâmico apresenta algumas dificuldades para uma cabal identificação de todos os elementos passíveis de terem integrado as deposições funerárias sidéricas, mesmo tratando-se de realidades mais amplamente documentadas e estudadas, no que toca ao espólio metálico, as dificuldades são ainda maiores para se destrinçarem por entre as muitas dezenas de elementos metálicos romanos.

Tal como sucede com o conjunto cerâmico, os artefactos aqui em estudo resultam de uma primeira revisão, à qual se deverá suceder uma avaliação mais aturada, inclusivamente de todo o material metálico romano, de modo a melhor distinguirmos as realidades sidéricas das romanas e medievais, o que nem sempre é tarefa simples...

Assim, numa primeira instância, pode-se dizer que o conjunto é composto essencialmente por adereços pessoais e de vestuário, alguns dos quais já conhecidos e outros totalmente inéditos. Não é de todo impossível que venham a ser identificados artefactos de outro tipo. Para já resumem-se a fechos de cinturão, braceletes e fíbulas, duas das quais já conhecidas.

O conjunto em estudo apresenta-se razoavelmente homogéneo, e bastante bem documentado em todo o Sul peninsular, sendo mais raro em Portugal, onde apenas a necrópole de Alcácer apresenta um conjunto de características semelhantes, ainda que bastante mais alargado e mais rico.

2000.426.1 – Fecho de cinturão de três garfos rebitados sobre uma placa metálica; um quarto elemento metálico de preensão deveria relacionar-se com a fixação ao elemento perecível do cinturão. Fugindo aos padrões tipológicos conhecidos, surge-nos com um reforço que lhe acrescentou duas lâminas de reforço lateral e uma estreita placa perpendicular aos garfos, onde estes estavam enganchados.

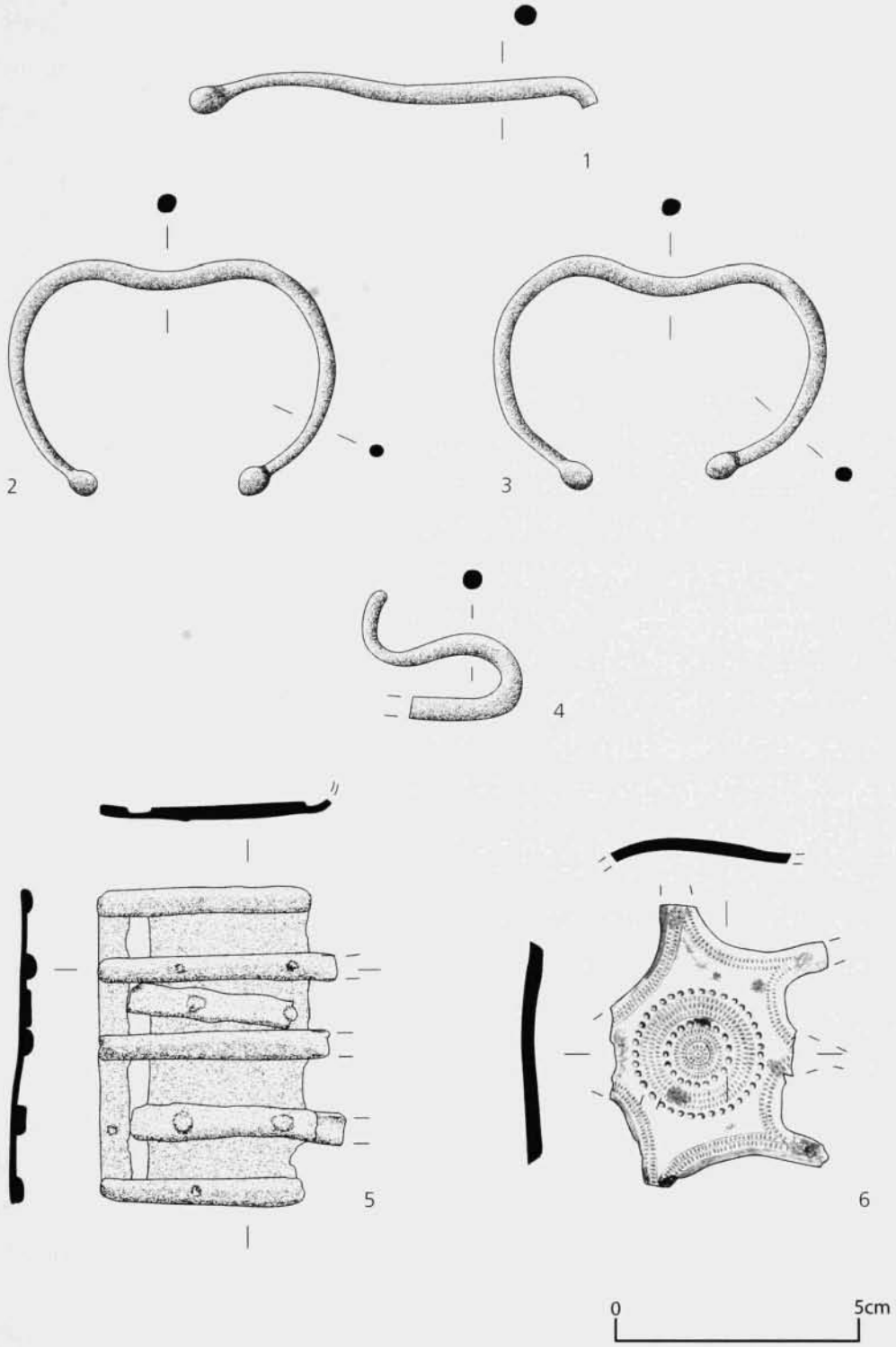

Fig. 8 – Braceletes e fechos de cinturão, provenientes do complexo A de Torre de Palma. 1 – 2000.409.4; 2 – 2000.409.10; 3 – 2000.409.11; 4 – 2001.5.70; 5 – 2000.426.1; 6 – 2000.394.7;

Fecho de cinturão de tipo tartéssico, que poderá associar-se, apesar das suas especificidades, ao Grupo 3 de Cerdeño (Cerdeño, 1981).
Proveniência: Sepultura XXX

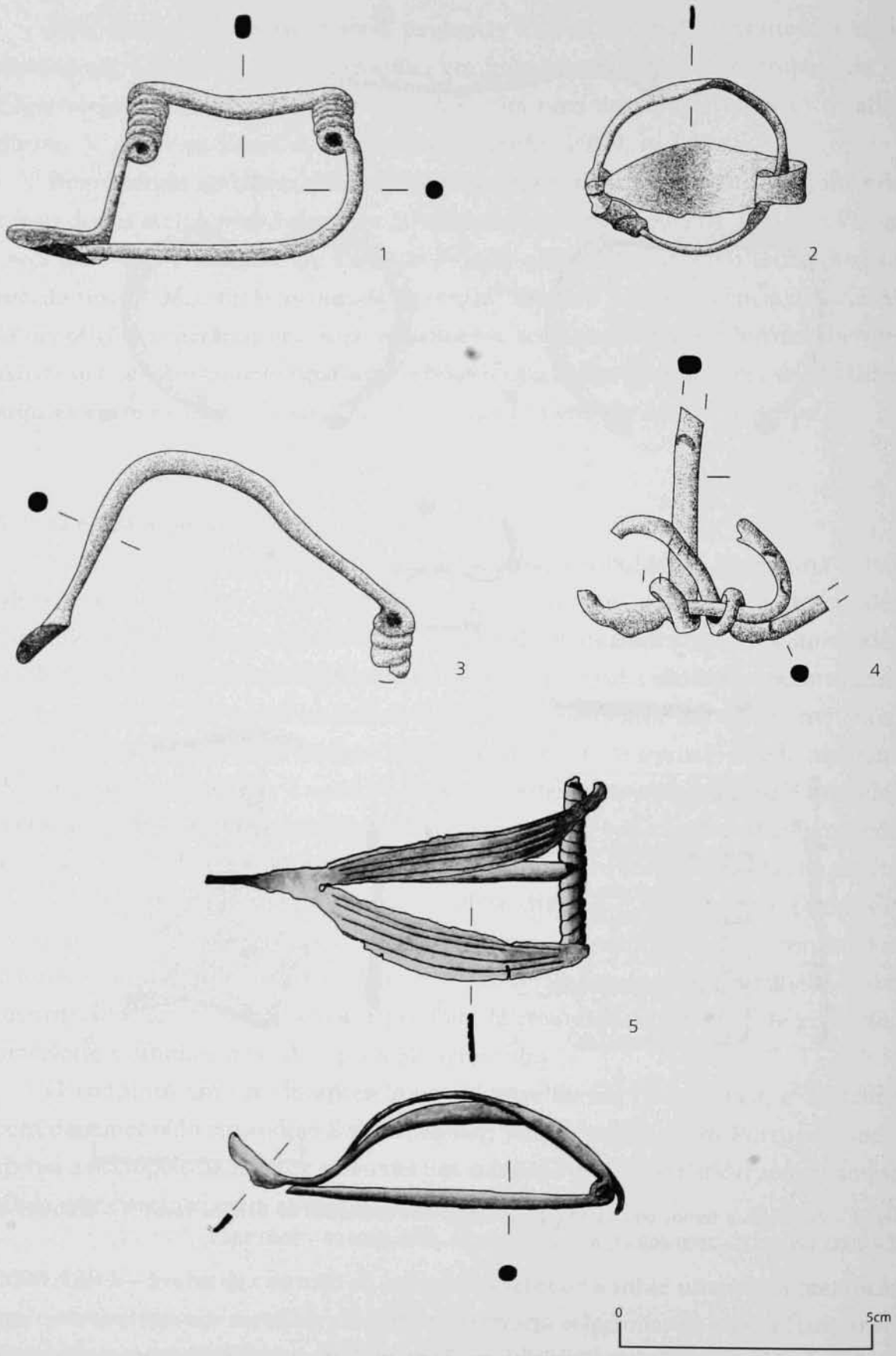

Fig. 9 – Fíbulas provenientes do complexo A de Torre de Palma. 1 – 2000.405.1; 2 – 2000.393.1; 3 – 2000.409.2; 4 – 2000.409.5; 5 – 2000.241.119;

2000.394.7 – Fragmento mesial de fecho de cinturão de três garfos, com decoração puncionada; esta consta de duas linhas perimetrais de puncionamento miúdo, existindo no centro um motivo de vários círculos concêntricos, que conjuga puncionamentos de calibres distintos.
Apresenta-se fracturado em todas as extremidades, e com alguma curvatura.

Este fecho deverá incluir-se no tipo DIII3 ou, com menos probabilidade DIII5 de Cerdeño (1978), B3B3 e B4B6 de Lorrio (1997) e B6 de Carratiermas (Argente, Díaz e Bescós, 2000, p. 101).
Proveniência: Cemitério ao pé das Ermidas. Camada 0,50

2001.5.70 – Pequeno fragmento cilíndrico, com dupla curvatura, que poderá corresponder a um fragmento de elemento fêmea dos fechos de cinturão.
Proveniência: Desconhecida

2000.409.10 – Bracelete com depressão central, usualmente designado de "acorazonado", completa; este apresenta-se mais espesso na zona central que nas extremidades, onde apresenta um botão esférico aparentemente obtido por adição.
Proveniência: Cemitério. Fora das Sepulturas. Camada 25=50

2000.409.11 – Bracelete com depressão central, usualmente designado de "acorazonado", completa; este apresenta-se mais espesso na zona central que nas extremidades, onde apresenta um botão esférico aparentemente obtido por adição.
Proveniência: Cemitério. Fora das Sepulturas. Camada 25=50

2000.409.4 – Fragmento de bracelete com depressão central, ao que se retirou a usual curvatura. Conserva-se cerca de metade da peça, sendo em tudo semelhante às anteriores.
Proveniência: Cemitério. Fora das Sepulturas. Camada 25=50

2000.405.1 – Fíbula dupla mola, completa, com duas molas de cinco voltas, fuzilhão longo e encurvado, apresentando-se o pé com apoio bem definido.
Proveniência: Cemitério.

2000.107.4 – Fíbula de tipo "Acebuchal" (Ponte 9b), completa, de arco bifurcado, laminar, com faces labiais decoradas longitudinalmente por sulcos paralelos, e com apêndice caudal zoomórfico; pé longo e descanso largo. Eixo independente. Mola bilateral simétrica com 12 voltas. (Ponte, 2006, p. 427).

2000.409.2 – Fíbula do tipo "Bencarrón" (?) (Ponte 10b), dotada de arco maciço de secção circular e mola, aparentemente bilateral, de eixo independente com apenas 4 voltas conservadas num dos lados; descanso largo, de secção em "V". Proveniência: Cemitério. Fora das Sepulturas. Camada 25=50

2000.393.1 – Fíbula anular hispânica, com aro e nave em lâmina metálica; a nave enrola-se no aro em dois pontos opostos; falta-lhe o fuzilhão. Proveniência: Cemitério ao pé das Ermidas. Camada 0,25

2000.409.5 – Fragmento de fíbula anular hispânica, conservando o apoio da nave, de secção subrectangular, e parte do aro, de secção circular. Um segundo elemento encontra-se enrolado ao aro, devendo corresponder a parte do fuzilhão. Proveniência: Cemitério. Fora das Sepulturas. Camada 25=50

Uma vez mais, é na necrópole de Medellín que vamos encontrar os melhores e mais próximos paralelos bem estratigrafados, ainda que sejam conhecidas associações semelhantes da necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, às necrópoles dos Alcores de Carmona (Torres, 1999). A necrópole de Talavera la Vieja, recentemente publicada na íntegra (Jiménez Ávila, 2006), é também um paralelo a ter em conta pela proximidade geográfica, mas também pelos conjuntos. Por outro lado, a necrópole de Aljucén (Enríquez Navascués, Domínguez de la Concha, 1991) apresenta um conjunto com diversos pontos em comum, reforçados pela sua origem rural.

Os fechos de cinturão assumem, pelo seu significado cultural e cronológico, uma enorme relevância no estudo destes conjuntos funerários. Os exemplares identificados em Torre de Palma integram-se em dois dos três grandes grupos conhecidos no Sul peninsular, os ditos "tartéssicos" e os usualmente designados de "célticos", de "escotaduras" laterais ou placa romboidal.

O exemplar 2000.426.1 (Fig. 8) integra-se nos fechos de tipo "tartéssico", apresentando alguma especificidade que, todavia, não impede de o aproximarmos ao Grupo 3 de Cerdeño (1981). Estes fechos enquadram-se cronologicamente entre o séc. VII e boa parte do séc. VI a.C. (Cerdeño, 1981, p. 54), encontrando no território andaluz a sua área de maior distribuição, estando também documentado em diversas paragens do Sul peninsular, como a Baixa *Extremadura* espanhola ou o Baixo Sado, sendo raros na bacia do Tejo ou mesmo na área celtibérica (Jiménez Ávila, 2006, p. 100; Argente, Díaz e Bescós, 2000, p. 102). Os conjuntos de Medellín (Almagro, 1977) e de Alcácer (Schüle, 1969), ambos com vários

exemplares de três garfos, constituem os paralelos de maior proximidade, sendo de realçar os exemplares de Talavera La Vieja (Jiménez Ávila, 2006, p. 100), por se integrarem na bacia do Tejo, tal como o de Torre de Palma.

Julgamos pertinente assinalar a presença, na necrópole de Medellín, deste tipo de fechos em conjugação com urnas do tipo 2, pratos das formas 1 e 3, braceletes "acorazonados" e fíbulas de dupla mola (Lorrio, 1988-89, p. 295), todos documentados em Torre de Palma, formando a associação típica da Fase I. Associações semelhantes estão presentes no conjunto de Talavera la Vieja (Jiménez Ávila, 2006)

O fecho 2000.394.7 (Fig. 8) enquadra-se em tipologias relativamente bem definidas, resultando as diversas tabelas disponíveis de ajustes de pormenor (DIII3/DIII5 de Cerdeño; B3B3/B4B6 de Lorrio; B6 de Carratiermes, entre outras). Em termos cronológicos, parece ser relativamente consensual o arranque deste tipo de fechos a partir de meados/ finais do séc. VI a.C., prolongando-se até meados/ finais do séc. V a.C. para alguns autores (Cerdeño, 1978, p. 283; Parzinger, Sanz, 1986, p. 174), enquanto para outros se mantêm em utilização até momentos bastante mais tardios, nomeadamente finais do séc. IV ou inícios do séc. III a.C. (Schüle, 1969, p. 134; Argente, Díaz e Bescós, 2000, p. 109).

O tipo identificado em Torre de Palma corresponde ao mais extensamente documentado a nível peninsular (Cerdeño, 1978, p. 285), atingindo quase 14% dos exemplares conhecidos na Meseta Oriental (Lorrio, 1997, p. 222).

Os fechos de placa romboidal e escotaduras laterais apresentam especial concentração na Meseta Oriental, estando igualmente bem documentados em extensas áreas do Sul peninsular. Apesar de serem tradicionalmente relacionados com o "Mundo céltico", não obstante estarem de há muito documentados em diversas necrópoles de fundo claramente mediterrâneo antigo, como Acebuchal, têm vindo a reabilitar-se enquanto indicadores das influências mediterrâneas.

A origem mediterrânea, nomeadamente grega oriental, dos protótipos e a sua difusão a partir da colonização grega foi muito recentemente reforçada no contexto de uma total revisão historiográfica em torno da "origem céltica" deste tipo de fechos (Jiménez Ávila, 2003), indo ao encontro de propostas anteriores que apontavam nesse mesmo sentido (Parzinger e Sanz, 1986; Fabião, 1998, Vol. I, p. 179).

No território hoje português conhece-se um número não muito alargado de fechos de cinturão de placa romboidal, tendo-se alterado pouco a sua distribuição desde o trabalho, já clássico, de Fernando de Almeida e Veiga Ferreira (1967). A sua dispersão faz-se, essencialmente, pelo litoral e interior Sul do país, tendência que se viu reforçada pelos dois novos exemplares registados, para além do de

Torre de Palma: um de Freiria (Encarnação e Cardoso, 1999), idêntico ao aqui dado a conhecer e outro de Vaiamonte, mas de escotaduras abertas (Fabião, 1996); um possível terceiro fecho, difícil de enquadrar tipologicamente, mas eventualmente semelhante a este último, proveniente da Tapada das Argolas, Beira Baixa (Vilaça, et al., 2002-2003, p. 183), poderá indiciar um verdadeiro alargamento do panorama de dispersão para contextos interiores mais a Norte.

A presença deste fecho de cinturão em Torre de Palma remete, uma vez mais, para os conjuntos da necrópole de Medellín, onde se encontra bem documentado na Fase II, por vezes em associação com outros elementos também documentados na necrópole alentejana, como os pratos da forma 1 ou as fíbulas anulares hispânicas (Lorrio, 1988-89, p. 309).

Foram detectados dois braceletes "acorazonados" completos e parte de um terceiro, que foi objecto de distensão que lhe "corrigiu" a curvatura (Fig. 8).

Os designados braceletes "acorazonados" são pouco conhecidos no território hoje português, todavia, encontram-se bem documentados no Sul peninsular, quer em conjuntos funerários, quer em contextos habitacionais (Rovira, Montero, Ortega e Jiménez Ávila, 2005, p.1235; Jiménez Ávila, 2006, p. 95). Encontram--se igualmente documentados em contextos notoriamente interiores, como a necrópole de Carratiermes (Argente, Díaz e Bescós, 2000, p. 124), na Meseta Oriental.

Importa aqui realçar, em particular, a sua identificação em Alcácer (Schüle, 1969, tafel 89) e nas necrópoles *extremeñas* espanholas de Medellín (Almagro 1977), Aljucén (Enríquez Navascués, Domínguez de la Concha, 1991) e Talavera la Vieja, onde se detectou o mais extenso conjunto conhecido (Jiménez Ávila, 2006, p. 95). Igualmente relevante é a sua presença, e eventual produção, no povoado urbano de El Palomar (Mérida) (Rovira, Montero, Ortega e Jiménez Ávila, 2005, p.1240).

De suma relevância é, igualmente, a sua presença na necrópole da Mealha Nova, Ourique, (Dias et. al., 1970, p. 207), pela evidente escassez de pontos de contacto entre o espólio da necrópole de Torre de Palma e os provenientes das necrópoles baixo alentejanas.

Na necrópole de Talavera la Vieja, foram identificados braceletes em ouro e prata, para além dos mais usuais em bronze, conferindo-lhe, provavelmente, um particular significado social e/ ou cultural, a ponto de serem produzidos em metais preciosos, e muito possivelmente imitados naquela liga. No âmbito do estudo deste conjunto de Talavera foi avançada uma explicação bastante sugestiva para a sua forma muito peculiar (Jiménez Ávila, 2006, p. 97); estes braceletes seriam elementos simbólicos representativos de uma qualquer relação de dependência

interpessoal, resultando a sua forma da abertura violenta do bracelete, após o término dos laços, o que ditaria a amortização do adereço. Todavia, apesar de ser bastante apelativa, pelas inferências sociais possíveis, faltam ainda mais elementos concretos, para uma aceitação cabal desta hipótese, caso de evidências claras de estrias de esforço e torção, resultantes da abertura dos mesmos.

Na necrópole de Les Moreres, nomeadamente na sepultura 116, convivem braceletes em tudo semelhantes, ainda que um seja "acorazonado" e outro não, apresentando índices de abertura semelhantes (González Prats, 2002, p. 190); deste modo, será complexo aceitar, na minha perspectiva, de modo directo, a associação da forma a um gesto simbólico de ruptura dos laços sociais. Este facto não invalida, todavia, que os mesmos possam ter, efectivamente, representado um qualquer laço de dependência, que justifique a sua aparente acumulação por alguns agentes sociais (Jiménez Ávila, 2006, p. 97).

Em termos cronológicos estes braceletes parecem concentrar-se entre o séc. VII e VI a.C. (Jiménez Ávila, 2006, p. 95; González Prats, 2002, p. 335). Em Medellín, como já se disse, acompanham fechos de cinturão "tartéssicos", urnas do tipo 2, pratos das formas 1 e 3, braceletes e fíbulas de dupla mola (Lorrio, 1988-89, p. 295), todos integráveis na Fase I, algures entre os meados do séc. VII e inícios do segundo quartel do séc. VI a.C. (Lorrio, 1988-89, p. 311).

No conjunto dos adereços metálicos de Torre de Palma existem pelo menos cinco fíbulas atribuíveis a momentos antigos do I milénio a.C. (Fig. 9), a par de um extenso rol integrável em época tardo republicana e imperial.

As cinco fíbulas aqui em estudo foram recolhidas, atendendo aos registos existentes, no "Cemitério" que deverá corresponder ao "Cemitério ao pé das Ermidas", encontrando-se a de tipo "Acebuchal" já publicada (Ponte, 2006, p. 427; Ponte 1987) enquanto que a fíbula de dupla mola foi apenas mencionada (Fabião, 1998, p. 181), e anteriormente inventariada e desenhada por M. Martins (1973[1]).

Todas as fíbulas registadas, apesar de algumas especificidades, se integram dentro de tipos bem documentados em diversos contextos sidéricos do Sul peninsular, nomeadamente, uma vez mais, nas necrópoles de Alcácer e Medellín. Associam-se, com frequência, a conjuntos funerários compostos pelos tipos cerâmicos e metálicos detectados em Torre de Palma.

A fíbula de dupla mola constitui um dos melhores indicadores do arranque da Idade do Ferro do Sul peninsular (Torres Ortiz, 2002, p. 196; Ponte, 2006,

[1] Ainda que num trabalho policopiado não divulgado ao público em geral.

p. 96), encontrando-se extensamente documentada em quase todo o território peninsular e mesmo no Sul de França, quer em contextos funerários, quer habitacionais.

Em Portugal encontra-se registada em diversos contextos do litoral, com evidentes ligações ao Mundo Mediterrâneo, caso da necrópole de Alcácer, Almaraz, Santa Olaia, Conimbriga, entre outros. Por outro lado, no interior do país parece associar-se aos últimos momentos do final da Idade do Bronze, caso dos exemplares documentados na Coroa do Frade (Arnaud, 1979) e em Arraiolos (Ponte, 2006, p. 110) atingindo, mesmo, realidades bastante interiores, caso da Fraga dos Corvos, em Macedo de Cavaleiros (Senna-Martínez, et al., 2006, p. 66). Importante será, ainda, realçar a sua presença na Cabeça de Vaiamonte (Ponte, 2006, p. 110), pela proximidade com o exemplar aqui apresentado. A identificação destes três exemplares no território alentejano, para além do de Torre de Palma, dois dos quais associados a ocupações do final da Idade do Bronze, documenta uma precoce integração deste adereço, e do tipo de indumentária associada, que se prolongará para momentos mais avançados, como parece indiciar o exemplar aqui apresentado.

As fíbulas de dupla mola apresentam um conjunto de variáveis com repercussões em termos cronológicos. Foi recentemente apresentado um balanço sobre a evolução deste tipo de fíbulas, e sobre as diversas propostas tipológicas disponíveis, avançando-se com uma nova (Ponte, 2006, p. 98) que segue, em traços gerais, vários aspectos das anteriores (Argente Oliver, 1994, p. 52). Atendendo à mais recente tipologia, o exemplar conhecido em Torre de Palma (2000.405.1) (Fig. 9) integrar-se-ia dentro do subtipo 3b, caracterizando-se pela presença de um arco de secção quadrangular e molas de cinco voltas. Segundo a mesma autora, na esteira de outros, as fíbulas deste subtipo parecem centrar-se entre o séc. VII e o séc. VI a.C. (Ponte, 2006, p. 98), ainda que na Meseta se considerem ligeiramente mais tardias (Argente Oliver, 1994, p. 57). No entanto, as fíbulas de dupla mola, nas suas diversas variantes, apresentam uma cronologia que arranca com os primeiros sinais da colonização fenícia, dentro do séc. VIII a.C., com o subtipo no qual se incluem dois dos exemplares alentejanos, prolongando-se nos territórios da Meseta Oriental até momentos bem tardios, em subtipos desconhecidos em Portugal (Ponte, 2006, p. 110).

A fíbula de tipo "Acebuchal" de Torre de Palma (2000.407.4) (Fig. 9) integra-se no subtipo 9b de S. Ponte (2006, p. 140), que se caracteriza pelo arco laminar bifurcado, bastante típico de ocidente peninsular, encontrando-se documentado em Pragança, Santa Olaia, Conimbriga e Coto da Pena, em Caminha (Ponte 2006, p. 144). Os mais típicos exemplares destas fíbulas encontram-se igualmente documentados no território hoje português, na necrópole de Alcácer e em Quintos (Beja) (Ponte, 2006, p. 144).

No território actualmente português, este tipo de fíbula, apresenta uma distribuição essencialmente litoral, em larga medida resultante da geografia da investigação, pois encontra-se amplamente documentada por todo o espaço peninsular, em particular no interior andaluz e Meseta Oriental (Argente Oliver, 1994, p. 80).

A cronologia das fíbulas de tipo "Acebuchal" apresenta ainda ligeiros desfasamentos entre os diversos autores. Para S. Ponte (2006, p. 141), na esteira de W. Schüle (1969, p. 36), este tipo de fíbulas situar-se-ia entre os finais do séc. VII a.C. e os finais do séc. VI a.C., onde poderia ter evoluído para variantes mais complexas; esta mesma autora parece sugerir que os exemplares de arco bifurcado correspondem a uma produção essencialmente do séc. VII a.C.

Para J. L. Argente Oliver, na esteira de E. Cuadrado (1963), estas fíbulas, que integram o seu tipo 7a, juntamente com as de tipo Bencarrón e Alcores, teriam uma cronologia de produção mais recente, situada entre finais do séc. VI a.C. e boa parte do séc. V a.C. (Argente Oliver, 1994, p. 83). A presença de um exemplar de tipo Alcores em Cancho Roano A pode ser lida neste sentido; todavia, os autores realçam a sua associação a um par de arrecadas de ouro de tipologia antiga, que parecem constituir parte de uma qualquer deposição ritual de um conjunto mais antigo (Celestino e Zulueta, 2003, p. 43); os mesmos autores mencionam igualmente a presença de uma fíbula de mola bilateral, certamente integrável dentro destes tipos. No entanto, atendendo ao longo espectro de ocupação de Cancho Roano, que estes exemplares não contribuem, de modo claro, para uma aceitação cabal de cronologias dentro do séc. V a.C. para a produção e distribuição destes tipos de fíbulas no Ocidente peninsular, o que não invalida que tal possa efectuar-se noutras regiões, como a Meseta Oriental.

A fíbula 2000.409.2 (Fig. 9) caracteriza-se pela presença, aparente, de uma mola bilateral, integrando-se nos tipos 8 a 11 de S. Ponte (2006) ou 7A de Argente Oliver (1994), não sendo simples, pelo seu estado de fragmentação, integrá-la num tipo específico. Todavia, a sua integração num ou noutro tipo não se traduz num quadro cultural ou cronológico substancialmente distinto, não constituindo substancial relevância o seu posicionamento exacto, mantendo-se o panorama já avançado para a fíbula de tipo "Acebuchal".

Foram também identificados dois exemplares de fíbulas anulares hispânicas (2000.393.1 e 2000.409.5) (Fig. 9). Este tipo é um dos mais amplamente documentados e característico da Idade do Ferro peninsular, conhecendo uma extensa bibliografia que definiu um vasto quadro crono-tipológico, relativamente estabilizado desde os primeiros trabalhos de E. Cuadrado (1957), conhecendo

uma série de novos estudos que se limitaram a afinar a proposta inicial (Ponte, 2006, p. 157; Torres Ortiz, 2002, p. 203).

Ambos exemplares, pelo seu estado de conservação, não facilitam a integração nas diversas tipologias disponíveis, todavia, pode ser feita uma aproximação, não isenta de muitas cautelas; o que parece relativamente pacífico é a sua integração nas fíbulas anulares de produção manual, ditas 6B de Argente Oliver (1994, p. 68), usualmente tidas, pela presença da mola bilateral, como das produções mais antigas, ainda que se mantenham até quase ao final da existência deste tipo (Argente Oliver, 1994, p. 76).

A fíbula 2000.393.1, a mais completa, falta-lhe apenas o fuzilhão, e poderá integrar-se no tipo 17b de Salete da Ponte (2006, p. 204), atendendo à presença da mola bilateral e principalmente de um arco laminar largo; este tipo aproxima-se do tipo Cuadrado 12 ou "folha de Loureiro" (Ponte, 2006, p. 160).

O segundo exemplar, 2000.409.5, apresenta-se bastante fragmentado, pelo que não é simples a sua integração tipológica; no entanto, creio tratar-se de uma produção manual, de forja, com arco independente da mola, que é bilateral, pelo que se pode, genericamente, enquadrar no tipo 16b de S. Ponte (2006, p. 202).

Estes dois exemplares parecem integrar um momento relativamente antigo da produção das fíbulas anulares hispânicas, apontando a citada autora para uma cronologia entre os finais do séc. VII a.C. e os finais do século seguinte para o primeiro destes, e entre os inícios do séc. VI e a primeira metade do séc. IV a.C., para o segundo.

5.3. A necrópole sidérica de Torre de Palma: intentos de cronologia e geografias de proximidade

A identificação da necrópole sidérica de Torre de Palma introduz, não apenas pela sua existência, mas principalmente pelo seu enorme significado cultural, uma profunda alteração no panorama conhecido até ao momento no território alto alentejano, usualmente apresentado como um imenso vazio (Vilaça e Arruda, 2004; Torres Ortiz, 2005).

A ausência de contextos precisos, dada a exiguidade dos registos, e uma avaliação, de momento, inacabada dos fundos antigos pode explicar algumas ausências, ainda que outras sejam difíceis de explicar, pelo que resulta algo complexo esboçar uma primeira leitura de conjunto.

Por outro lado, a escassez de registos impede maiores considerandos sobre a arquitectura da necrópole, desde a presença de estruturas tumulares, bem documentadas em Medellín (Almagro Gorbea, 1977), El Jardal (Jiménez Ávila,

2001) ou no Baixo Alentejo (Correia, 1993), ou mesmo à arquitectura das deposições. Do que não parece restarem dúvidas é da presença do ritual de cremação do corpo podendo, ou não, os restos incinerados ser recolhidos em contentores funerários.

As mesmas limitações emergem quando se intenta qualquer aproximação à dimensão da necrópole e ao número de tumulações que, todavia, cremos ser superior às quatro urnas reconhecidas, mas que dificilmente superaria a dezena, aceitando deposições directas dos restos incinerados ou em *busta*. No entanto, talvez fosse um trabalho de futuro indagar a dimensão da mesma, incluindo novas sondagens no local.

A cronologia de um espaço de tumulação nunca é, não deve ser, algo simples e linear, pela singularidade cumulativa de cada enterramento ou pela possível amortização das realidades no final da sua existência quotidiana. Deste modo cremos que a necrópole de Torre de Palma, atendendo à cronologia provável dos elementos identificados, se deverá distender entre os finais do séc. VII a.C. e o início do séc. V a.C., não sendo improvável que ambos os extremos se aproximem, concentrando as deposições funerárias dentro do séc. VI a.C..

Julgamos ter ficado patente a grande proximidade dos conjuntos artefactuais com as realidades litorais, de cariz orientalizante, bem documentadas no Baixo Guadalquivir e fachada atlântica peninsular, mas também no interior *extremeño* espanhol.

A raridade de contextos funerários sidéricos devidamente escavados e publicados no sudoeste peninsular deixa como principais referências para o estudo do conjunto de Torre de Palma as duas grandes necrópoles conhecidas nesta ampla região, Alcácer do Sal (Schüle, 1969; Fabião, 1998; Arruda, 1999-2000; Torres, 1999) e Medellín (Almagro, 1977; Lorrio, 1988-89); consideramos ainda relevante assinalar a grande proximidade dos conjuntos com a necrópole de Aljúcen (Enríquez Navascués, Domínguez de la Concha, 1991), reforçada pela sua provável associação a um contexto de âmbito rural, tal como deve ter acontecido com Torre de Palma. A necrópole de Talavera de la Reina, recentemente dada a conhecer de um modo mais completo (Jiménez Ávila, 2006) apresenta igualmente uma semelhança assinalável com o conjunto em estudo, para além dos materiais de excepção aí presentes. É possível que o conjunto de Torre de Palma integrasse, igualmente, alguns elementos em materiais preciosos de época sidérica (informação pessoal de Virgílio Correia, que agradecemos), o que pretendemos confirmar.

Não deixa de ser relevante assinalar o enorme distanciamento evidenciado pelos conjuntos artefactuais de Torre de Palma face às realidades funerárias características do Baixo Alentejo, nas quais está, igualmente, bem patente uma

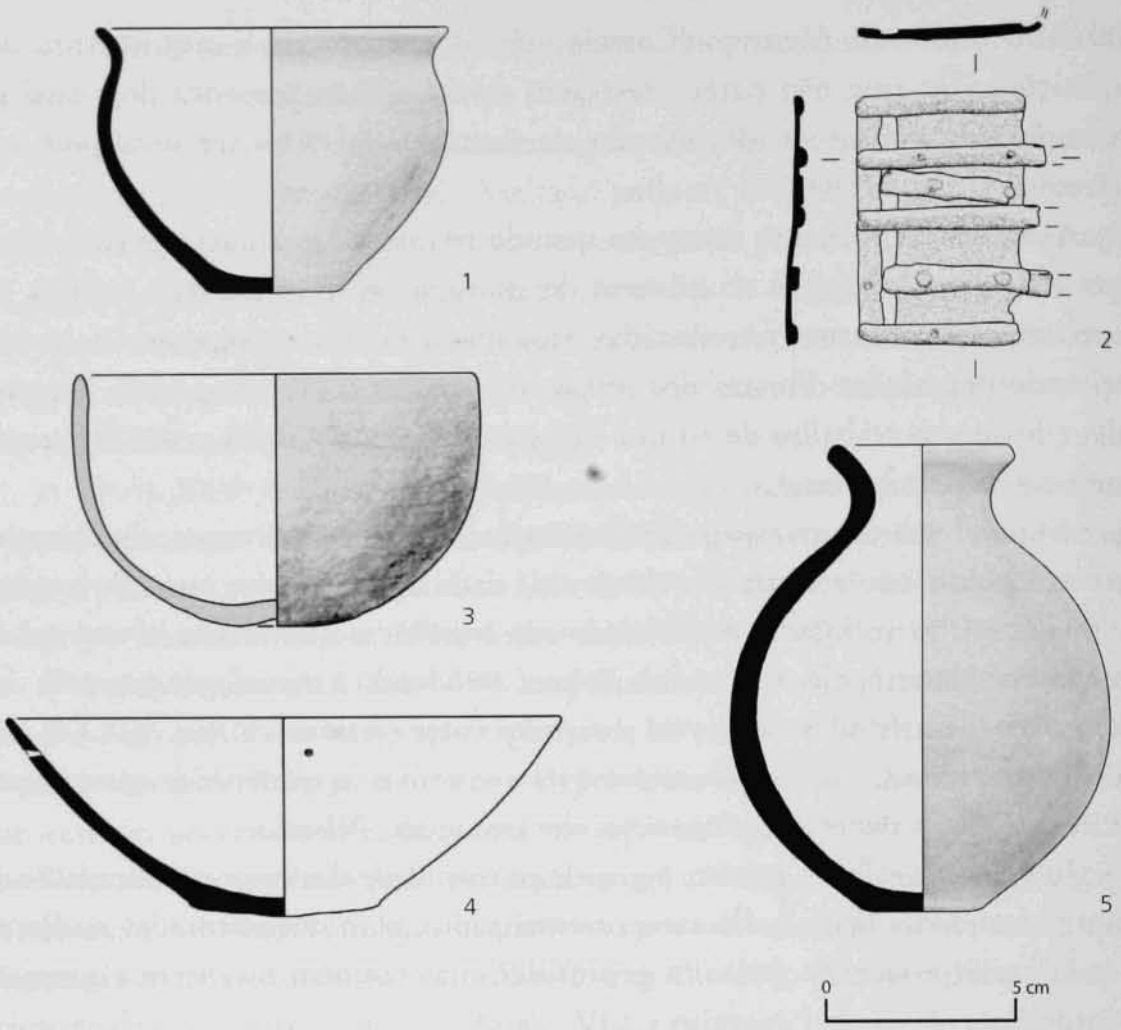

Fig. 10 – Artefactos da Sepultura XXX, do Complexo A de Torre de Palma. 1 – TP 10 002/6/78 Sep. XXX; 2 – 2000.426.1; 3 – TP 10 002/5/78 Sep. XXX; 4 – TP 10 002 Sep. XXX; 5 – T. Palma Sep. XXX 2000.426.03

importante influência dos contextos litorais, apesar de profundamente readaptados às realidades locais. O distanciamento é particularmente notório na total ausência de armas em Torre de Palma, tal como também acontece na necrópole da Tera, em Mora, na justa medida em que estas constituem o espólio mais característico das necrópoles baixo alentejanas. Não é impossível que tal corresponda, mais que a um distanciamento cultural, a uma diferença cronológica, acompanhando propostas recentes que apontam para uma cronologia dos espólios baixo alentejanos bem dentro do séc. V a.C. (Jiménez Ávila, 2001: 118).

Atendendo ao conjunto identificado, cremos estar perante uma necrópole de incineração em *ustrinum*, com posterior deposição em urna dos restos cremados, as quais deveriam associar-se principalmente aos grandes potes, tal como acontece na Fase I de Medellín (Almagro, 1977; Lorrio, 1989); todavia, não é impossível que alguns dos recipientes abertos, como a grande taça carenada (2000.394.45),

não possam ter sido igualmente utilizados deste modo, ainda que não se tenha registado qualquer indício nesse sentido. A maioria das formas abertas deveria ter sido utilizada ou como tampas das urnas, ou como vasos de oferendas ao defunto, ainda que não se registem claros indícios de que o tenham acompanhado na cremação. Por outro lado, a individualização, nos registos antigos, de tumulações isoladas com materiais exclusivamente proto-históricos (caso da Sepultura XVII), poderá indiciar a presença, eventual, de tumulações em fossa, sem urna, ou mesmo *busta*, tal como na Fase II de Medellín, o que de certo modo poderá ser corroborado pela cronologia aparentemente mais recente destes materiais. A sepultura XXX, que integra 5 recipientes (Fig. 10, um dos quais não representado) e um fecho de cinturão, parece corresponder a idêntica situação, ainda que a atribuição a esta mesma sepultura de uma lucerna dificulte as leituras. É, apesar de tudo, credível, assinalarmos a diversidade de rituais de tumulação presentes na necrópole de Torre de Palma, atendendo aos antigos registos.

Assim, e atendendo aos dados principalmente de Medellín, teríamos um primeiro momento caracterizado pelas grandes urnas de cerâmica cinzenta, acompanhadas por tigelas, com ou sem carenas, em cerâmica cinzenta, que integrariam adornos como os fecho de cinturão "tartéssico", as fíbulas de dupla mola, ou "Acebuchal" e os braceletes "acorazonados", enquanto no segundo momento se destacariam as urnas de menores dimensões, algumas tigelas de cerâmica cinzenta, os unguentários, o fecho de cinturão de escotaduras laterais e as fíbulas anulares hispânicas.

No entanto, o espólio da sepultura XXX, com afinidades na sepultura 88 de Alcácer, não deixa margem para leituras lineares, como esta, em particular quando os registos não são claros.

A grande afinidade da necrópole de Torre de Palma com a necrópole de Medellín reforça a estreita ligação deste território alto alentejano ao processo histórico desenrolado na bacia média do Guadiana, talvez até mais que ao documentado no litoral atlântico, em particular no estuário do Tejo, tal como um de nós já tinha anteriormente proposto (Mataloto, 2005). Por outro lado, é certa a proximidade com os conjuntos de Alcácer, que se constata pela forte semelhança e presença dos pequenos unguentários, pouco documentados em Medellín.

A presença de um conjunto bastante característico de metais, com paralelos directos nas necrópoles já mencionadas de Alcácer, Talavera, Medellín ou Aljucén, parece conjugar-se bastante bem com a presença de um estrato superior da sociedade que, apesar de instalado em meio rural, estaria integrado numa importante rede de distribuição de artefactos de prestígio, eventualmente associada à

comercialização de produtos têxteis, produzidos ou redistribuídos a partir do litoral. A presença da fíbula tipo "Acebuchal" de arco bipartido, com uma distribuição cingida essencialmente à fachada atlântica, reforça a ligação de Torre de Palma aos circuitos de distribuição litoral.

Estes adereços metálicos, essencialmente relacionados com a indumentária, poderão e deverão estar associados a um modelo, relativamente uniformizado, de representação do *status* social, indiciando uma clara coesão cultural e uma mesma representação do Poder entre os diversos contextos regionais mencionados.

Consideramos relevante assinalar a partilha de um mesmo conceito estético, e aparentemente de Poder, entre as elites "urbanas" de Medellín ou Alcácer e as rurais, tal como transparece no caso de Torre de Palma ou Aljucén. Todavia, convenhamos que estes agentes sociais instalados em contexto rural dificilmente constituiriam a cúspide social da época, encontrando-se algo afastados quer do *status*, quer do poder económico das grandes elites urbanas. Na realidade, estes "senhores do campo", como seria o caso de Torre de Palma, desenvolveriam um processo de emulação das verdadeiras elites, que ostentariam um conjunto de adornos semelhantes, mas em metais nobres, como ficou bem patente no extraordinário conjunto de Talavera la Vieja (Jiménez Ávila, 2006).

6. A OCUPAÇÃO SIDÉRICA DE TORRE DE PALMA E AS MALHAS REGIONAIS DE POVOAMENTO

O conjunto artefactual do Complexo A (até agora identificado como "Cemitério ao pé das Ermidas", etc.) é apenas o mais significativo das ocupações sidéricas de Torre de Palma, em particular pelo seu estado de conservação, atendendo à sua mais que provável origem funerária. Todavia, existe um conjunto de fragmentos passível de se enquadrar nas tipologias disponíveis para a Idade do Ferro regional, e mesmo extra-regional, recolhidos em diversas áreas da *uilla*, que poderão associar-se a ocupações de cariz habitacional (Fig. 11).

O conjunto é ainda bastante resumido, não sendo fácil destrinçar estas realidades por entre a enorme diversidade de cerâmicas mais recentes; no entanto, alguns tipos, pela sua especificidade, facilitam a sua identificação, caso da cerâmica cinzenta polida, dos grandes contentores pintados ou da cerâmica com matrizes estampilhadas. À margem destas surgem outras que, incluídas na categoria genérica da cerâmica comum, poder-se-ão também associar às ocupações sidéricas, ainda que com algumas reservas, ao tratarem-se de morfologias de grande simplicidade.

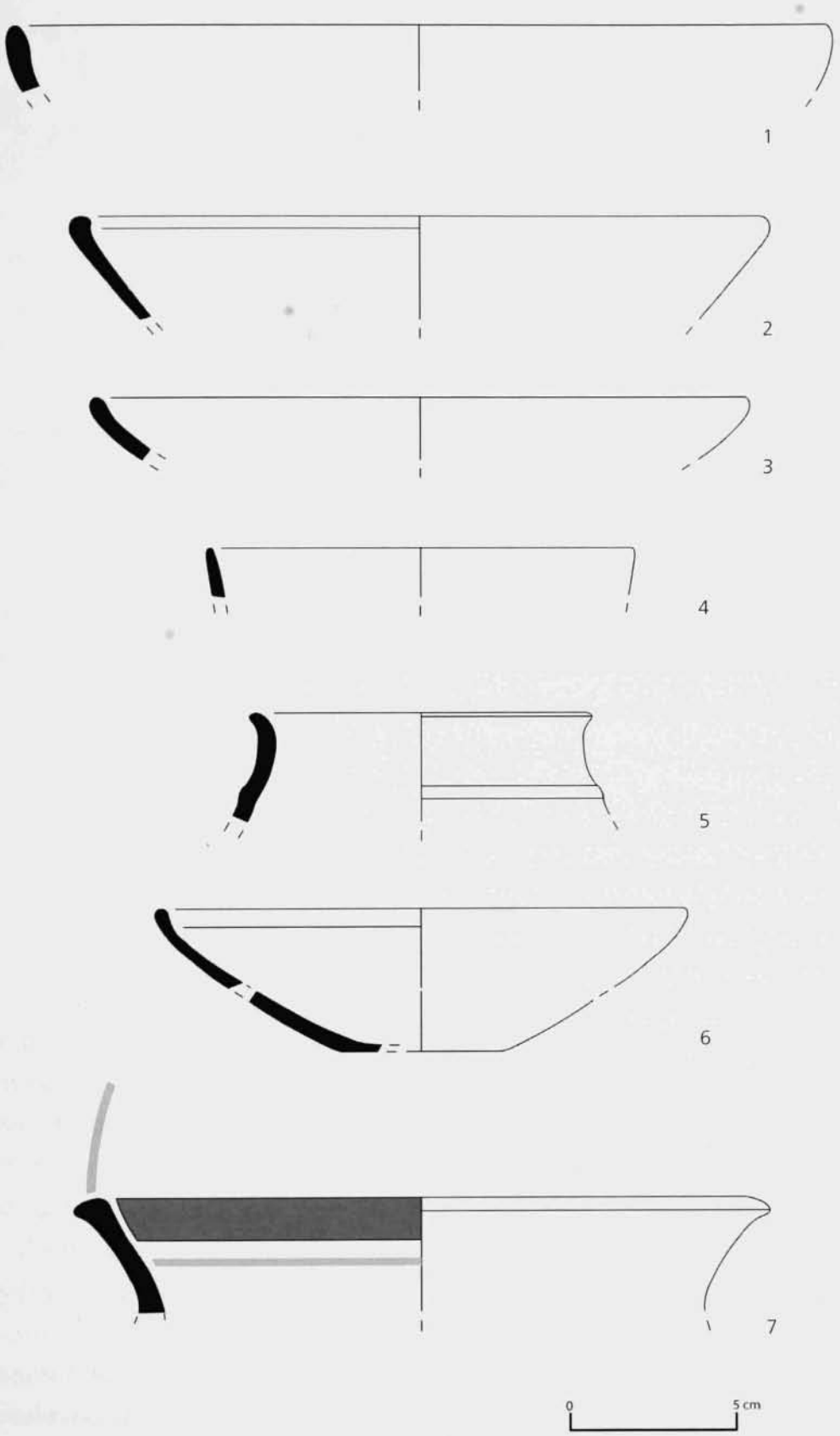

Fig. 11 – Cerâmicas da Idade do Ferro de Torre de Palma, recolhidos fora do Complexo A. 1 – TP/17/85-3a; 2 – 10.002/86/79; 3 – TP 18/85-3b; 4 – TP/22/85-2; 5 – TP/1/82; 6 – TP.22.85.02; 7 – TP/17/85.02, Banda pintada a vermelho (faixa escura) e bandas pintadas a laranja (faixas claras).

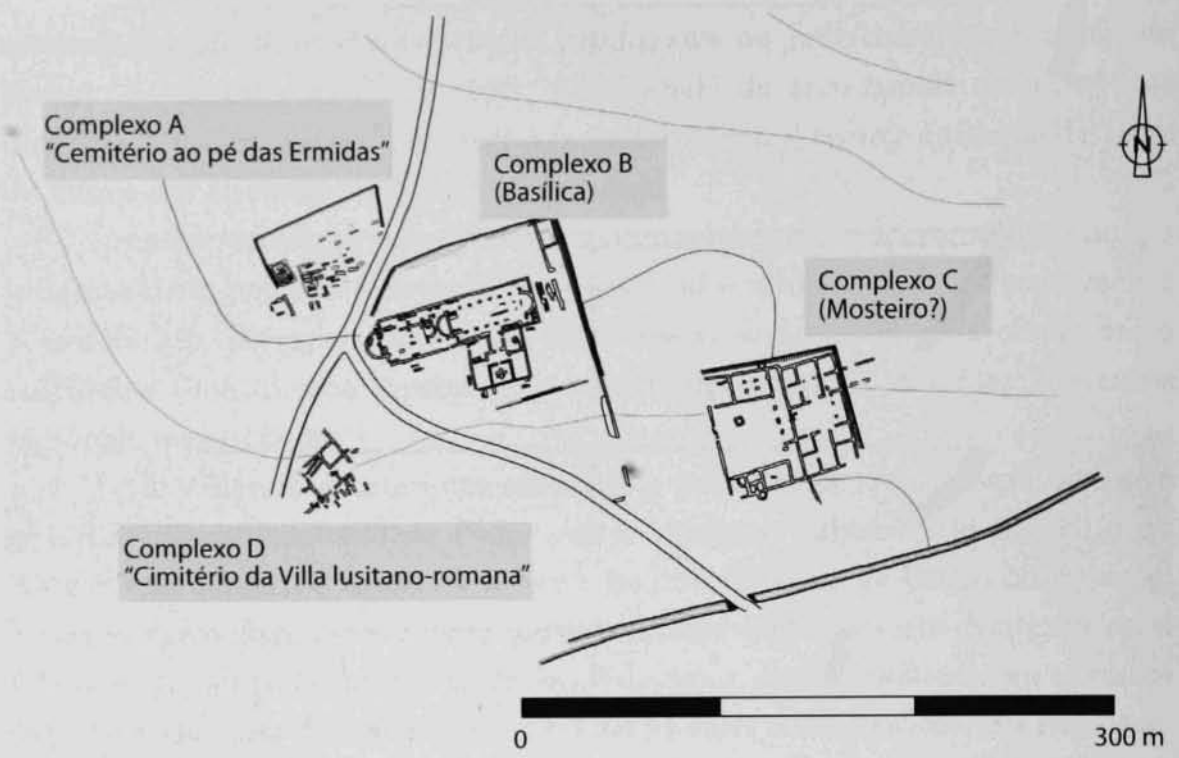

Fig. 12 – Detalhe da área norte de Torre de Palma, com definição dos Complexos A, B, C e D.

A possibilidade de enquadrar a nível espacial, ainda que genericamente, este conjunto admite que se equacione uma origem distinta dos contextos funerários. Assim, na área meridional da edificação atribuída possivelmente ao mosteiro (Complexo C), portanto afastada da possível necrópole, registam-se vários achados nos estratos inferiores, prenunciando um contexto doméstico (Fig. 12).

O conjunto, ainda que resumido, parece indicar ao menos dois momentos distintos: um primeiro momento correspondente a uma ocupação cronologicamente semelhante ao conjunto de materiais da necrópole, a qual surge assinalada pela cerâmica cinzenta fina polida e um possível *pithos* com o bordo pintado; no que diz respeito ao segundo momento apenas se pode assegurar a presença de um pequeno fragmento cerâmico com decoração por matrizes estampilhadas, com um motivo circular radiado, enquadrável num momento mais avançado da Idade do Ferro, algures dentro do séc. IV/ III a.C. (Berrocal, 1992).

Cremos que estes indícios são suficientemente explícitos para assegurarem que na área da *pars urbana* ou *rustica* de Torre de Palma se terá desenvolvido um ou mais complexos habitacionais, de cariz rural, da Idade do Ferro, aparentemente desmantelados pelos programas construtivos de época romana.

Em território alentejano, este facto encontra-se cada vez melhor documentado em trabalhos de prospecção (Mataloto, 2004), mas também de escavação, em

Fig. 13 – Cabeça de Vaiamonte vista de Torre de Palma.

sítios como a Quinta das Longas (informação pessoal de António Carvalho). Fora da região alentejana encontra-se igualmente atestada a sobreposição de ocupações, sendo o caso de Freiria o melhor documentado e, igualmente, o de maior semelhança, na justa medida em que se identificaram dois momentos de ocupação, aparentemente sidéricos, prévios à instalação do complexo produtivo da *uilla* (Encarnação e Cardoso, 1999). Perante a identificação de formas completas e materiais de excepção, como um fecho de cinturão semelhante ao de Torre de Palma, ou um espeto, não deixa de ser de questionar a possibilidade de também aqui ter existido uma área de tumulação.

A ocupação da Idade do Ferro de Torre de Palma integra-se na mesma rede de povoamento que a instalação conhecida na Cabeça de Vaiamonte, situada escassos 5 km a Norte-Noroeste (Fig. 13). Apesar das imensas lacunas que o conhecimento do sítio apresenta (Fabião, 1996 e 1998) esta é a ocupação da Idade do Ferro mais extensamente estudada e trabalhada do interior Sul, cujos dados estão já minimamente acessíveis. Por outro lado, este é, desde há muito, um dos sítios mais emblemáticos da designada IIª Idade do Ferro do Sul de Portugal, em particular devido ao amplo conjunto de matrizes estampilhadas apresentado num momento ainda precoce do conhecimento destes hábitos decorativos (Arnaud e Gamito, 1974-77).

Numa primeira reavaliação recente do espólio resultante das intervenções levadas a efeito pelas equipas do Museu foi possível constatar uma ocupação antiga, do final da Idade do Bronze, que se prolongará, aparentemente sem solução de continuidade, até à segunda metade do I milénio a.C., ainda que os vestígios destas ocupações sejam escassos (Fabião, 1996, p. 45; Fabião, 1998, vol. I, p. 182). Este extenso trabalho, apesar de recente, não pôde ainda contar com os apontamentos agora disponíveis, pelo que seria hoje importante tentar o cruzamento da informação aí constante com o espólio, com vista a, pelo menos, uma possível contextualização espacial dos achados.

A ocupação do final da Idade do Bronze surge documentada pela presença de cerâmica brunida, manual, podendo, ou não, associar-se a este momento a fíbula de dupla mola aí documentada. Os momentos posteriores não se encontram melhor documentados, resumindo-se as presenças a um conjunto não muito alargado de fragmentos cerâmicos (taças carenadas a torno, asas bífidas, entre outros) associados a alguns elementos metálicos como as fíbulas "Golfo de Leão" ou as anulares hispânicas antigas (Ponte, 1985), ou ainda o fecho de cinturão de placa romboidal e escotaduras de um só garfo (Fig. 14). Para momentos mais próximos dos meados do milénio estão documentadas algumas importações quer de contas de colar quer de recipientes de vidro policromo (Fabião, 2001). Por outro lado, são conhecidos os elementos áureos passíveis de se integrarem num momento antigo da Idade do Ferro (Fabião, 1998, Vol. I, p. 182).

Ainda que os dados disponíveis sejam particularmente escassos, cremos que fica patente no pequeno conjunto a integração do local em amplas redes de distribuição de produtos de grande circulação, e dos modelos artefactuais mais frequentes no Sul peninsular. Por outro lado, as presenças áureas afirmam certamente a relevância da ocupação. Todavia, a escassez de elementos, e a própria relevância do conjunto de Torre de Palma, não autoriza uma leitura linear dos dados, com a respectiva hierarquização das ocupações. Teríamos localmente uma rede estruturada de povoamento onde estariam presentes elementos de claro destaque social em meio rural, ou mesmo nos aglomerados habitacionais de altura, que permanecem ocupados, sem que seja fácil reconhecer a sua relevância social e demográfica.

Com a viragem dos meados do milénio, a situação inverte-se e à escassez dos indícios de Torre de Palma, sobrepõe-se a pujança dos vestígios de Vaiamonte, acentuando claramente a tónica no povoamento concentrado de altura.

A par de Vaiamonte, o território circundante forneceu um conjunto de dados relevantes para um melhor conhecimento do I milénio a.C. na região de Monforte, resultantes de um amplo programa de prospecções orientado por um de nós (R. B.) (Lopes e Boaventura, 1997; Boaventura e Langley, 2006) (Fig. 15).

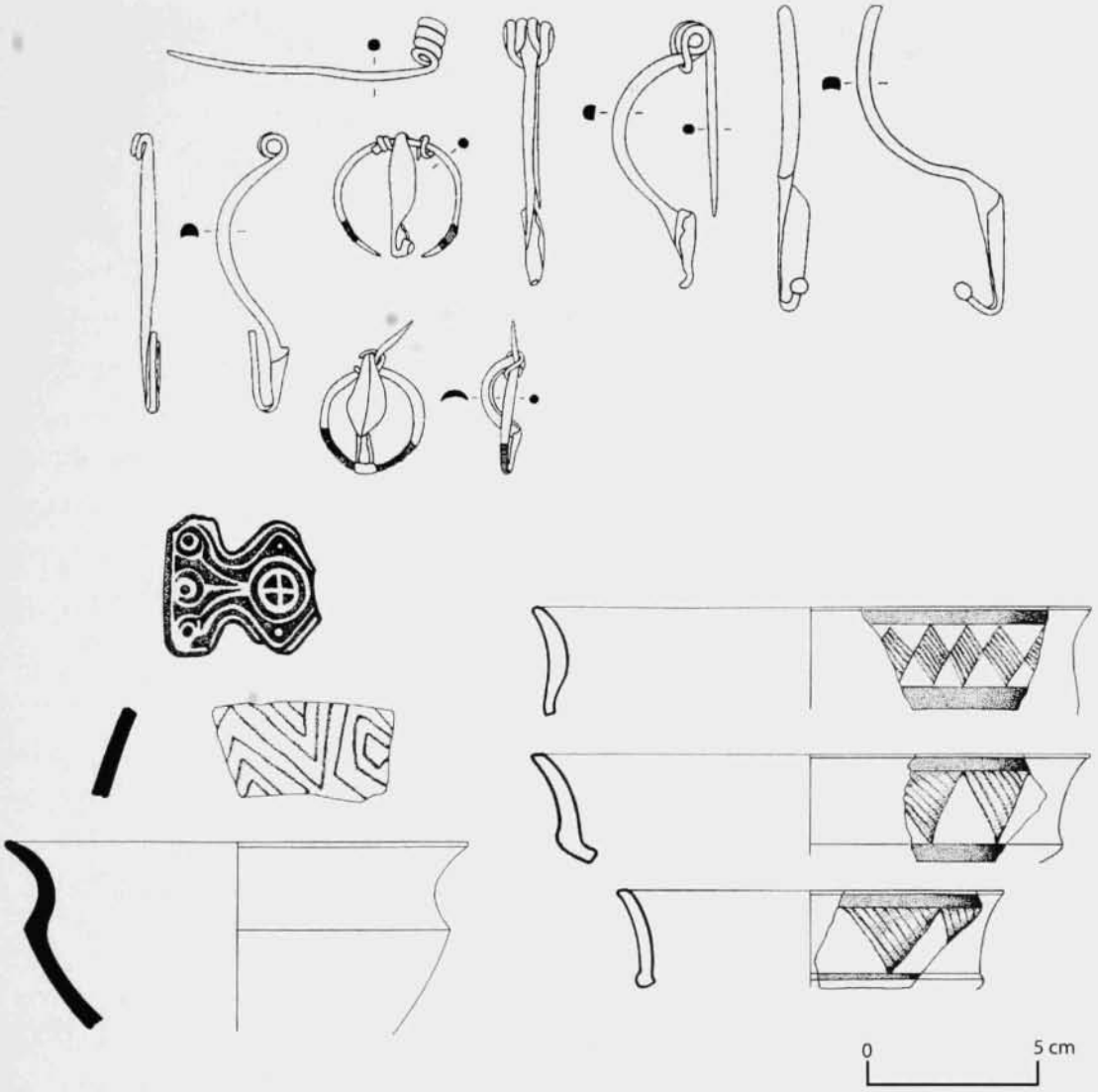

Fig. 14 – Artefactos das ocupações antigas de Vaiamonte (seg. Fabião, 1996).

Os resultados, ainda que escassos, porque centrados em período cronológico anterior, não deixam de apontar, segundo o que se conhece do território mais a Sul (Mataloto, 2004) para uma importante ocupação rural da Idade do Ferro, de difícil identificação pela sobreposição de intensa ocupação romana, de que o melhor exemplo é Torre de Palma. Assim, sítios como Fonte de São Domingos 1, Geodésico de Besteiros 1 e Cabeço do Raio, documentados essencialmente pela presença de cerâmica manual e mós de sela, deverão efectivamente corresponder a ocupações deste tipo.

Se a ocupação do final da Idade do Bronze surge menos bem documentada em Vaiamonte, esta surge em toda a sua pujança no povoado das Pedras da Careira (Gamito, 1988). Apesar da ausência de escavações arqueológicas, os levantamentos existentes permitem assinalar a presença de um amplo espaço amuralhado, que

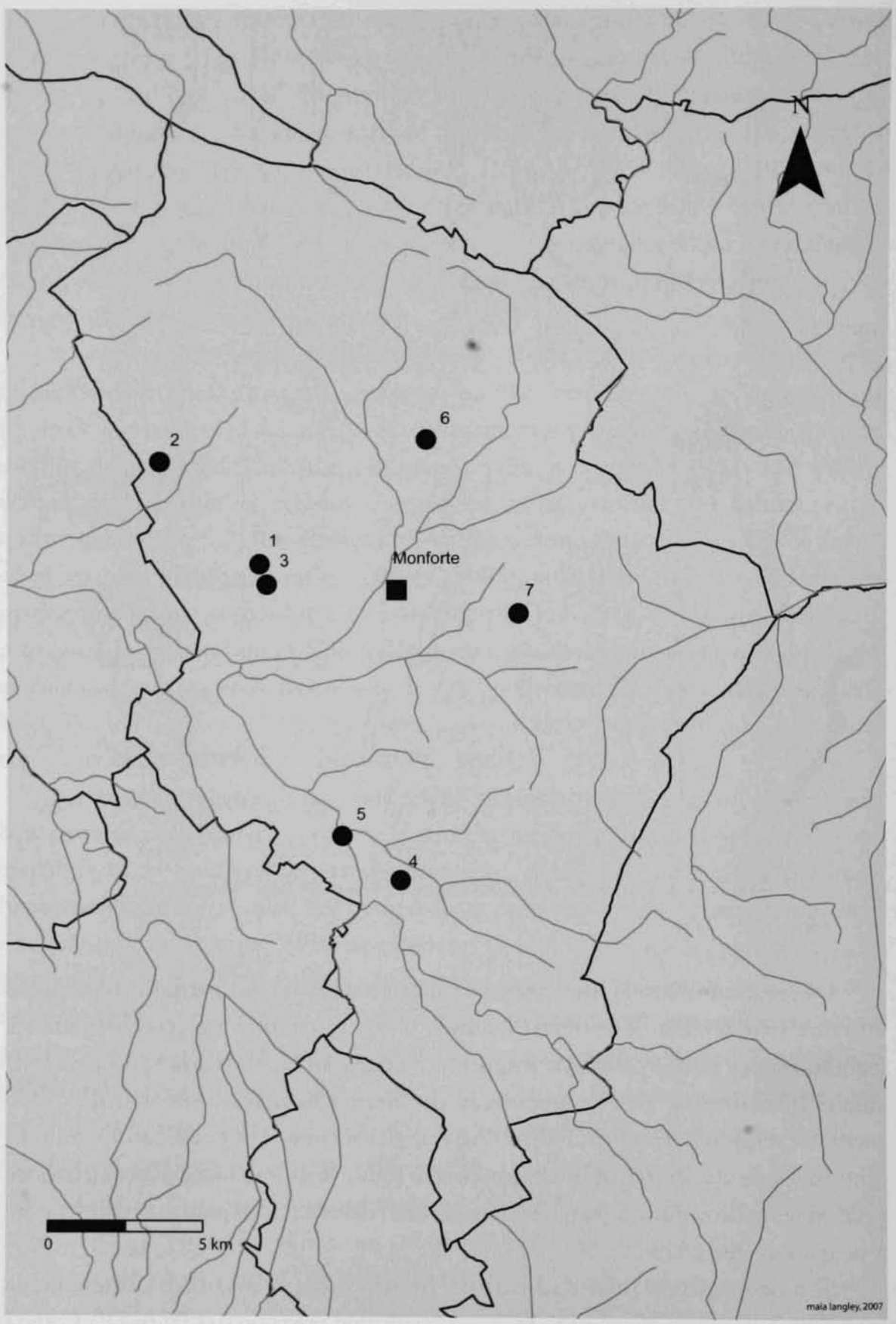

Fig. 15 – Ocupações do Bronze Final/ Idade do Ferro do concelho de Monforte (1 – Torre de Palma, 2- Cabeça de Vaiamonte, 3 – Fonte de S. Domingos 1, 4- Pedras da Careira (Castelo Velho dos Prazeres), 5- Vale do Guardez 1, 6- Geodésico dos Besteiros 1, 7- Cabeço do Raio..

intrega um conjunto artefactual principalmente relacionado com a Idade do Bronze, estando os vestígios da Idade do Ferro claramente em minoria, e aparentemente concentrados no topo, devendo ter sido abandonado antes dos meados do milénio. Imediatamente a Noroeste deste, na margem oposta da Ribeira de Almuro, registou-se a presença de um povoado, aparentemente fortificado com cerca de 1 ha, da Idade do Ferro, que perdura até momentos posteriores à conquista romana. A ocupação, aparentemente sequencial, destes cerros poderá indiciar uma situação de transferência de populações, num movimento gradual de abandono das grandes ocupações do final da Idade do Bronze ao longo da Iª metade do I milénio a.C., já proposto para outras paragens mais a Sul (Mataloto, 2004a).

Torre de Palma surge, então, integrada numa rede diversa e complexa de povoamento que apenas agora se começa a destrinçar, situada numa encruzilhada de caminhos e contextos culturais.

7. ENTRE MORTOS E VIVOS: A OCUPAÇÃO SIDÉRICA DE TORRE DE PALMA E AS DINÂMICAS CULTURAIS DA PRIMEIRA METADE DO I MILÉNIO a.C. DO INTERIOR ALTO ALENTEJANO.

O território alto alentejano conheceu uma fortíssima transformação das malhas de povoamento durante a primeira metade do I milénio a.C., registando-se um assinalável processo de ruralização, concomitante ao abandono dos grandes núcleos habitacionais do final da Idade do Bronze. A disseminação pelo território alto alentejano das realidades de fundo colonial introduzidas nos estuários do Tejo e do Sado parece acompanhar o arranque deste processo de transformação social e de povoamento, que estará verdadeiramente consolidado nos inícios do séc. VI a.C.

A introdução de uma nova matriz cultural nos primeiros séculos do I milénio a.C., fortemente marcada pelo afluxo das novidades coloniais, virá, cremos, na sequência de uma tradição milenar de ligação ao Sul, evidenciando, portanto, uma clara continuidade nas conexões.

A matriz do Sul, de tradição "orientalizante", vinha sendo documentada principalmente nos modelos arquitectónicos, onde se registaram em contexto rural notáveis exemplos do fundo arquitectónico mediterrâneo, introduzido ou divulgado pelas comunidades fenícias (Mataloto, 2004). Todavia, ao invés do registado em extensas regiões do Sul, interior e litoral, as realidades cerâmicas surgiam-nos já bastante transformadas às realidades locais, evidenciando-se a influência colonial principalmente na presença da cerâmica a torno, que teve uma introdução bastante mais lenta que no litoral, sendo raras as claras importações

do litoral, apenas documentadas até ao momento no sítio de São Gens no alto da serra d'Ossa (Mataloto, 2004a).

A necrópole de Torre de Palma evidencia-nos, no entanto, uma imagem distinta. A absoluta semelhança com os modelos e associações artefactuais conhecidas no litoral atlântico, interior "extremenho" e Baixa Andaluzia, traduz uma novidade completa do panorama conhecido, agora muito mais próximo do Mundo "orientalizante".

Apesar de algumas ausências relevantes, caso das urnas "Cruz del Negro", que poderá apresentar um significado muito preciso, dada a sua particular associação às populações tartéssicas (Torre Ortiz, 2005), cremos ser bastante evidente a inclusão do conjunto estudado nas realidades funerárias do Sul peninsular, quer pelas presenças cerâmicas, onde pontuam as cerâmicas cinzentas, com modelos relativamente uniformizados, quer pelas presenças metálicas, indícios de uma mesma forma de representação social.

A profunda associação a modelos originários do litoral insere a necrópole de Torre de Palma directamente no centro do debate sobre os processos de colonização do Sudoeste peninsular. Este tem vindo a ser marcado, nos últimos anos, por propostas contraditórias e por vezes arrojadas, onde os dados do território alto alentejano não eram, de todo, equacionados.

A descoberta de uma intensa e importante ocupação de fundo "orientalizante" e fenício no Ocidente peninsular (Arruda, 1999-2000) impunha uma reorganização das leituras de conjunto da ocupação sidérica no sudoeste peninsular. O cerne da questão seria, uma vez mais, não o território litoral, mas antes o interior *extremeño*, onde as fortíssimas ligações ao mundo litoral se vinham a tornar ainda mais evidentes. Deste modo, e perante o afluxo de dados, D. Manuel Pellicer (2000) ensaiou uma proposta que propunha compreender o processo de transformação, e mesmo colonização, registado no interior estremenho durante os séc. VIII-V a.C. a partir da realidade do litoral atlântico, conectado com aquela região por um extenso corredor natural, bastante bem documentado ao longo de vários milénios. As suas propostas foram sendo aceites e reforçadas por outros autores (Arruda, 2005; Vilaça e Arruda, 2004), conhecendo recentemente uma fortíssima crítica e refutação completa, em prol de uma nova proposta que reverteria totalmente o processo. Perante o mesmo conjunto de dados, Mariano Torres apresentou uma proposta que invertia os processos de colonização, fazendo depender a colonização da fachada atlântica da movimentação por terra de populações tartéssicas, oriundas da Baixa Andaluzia, através do interior estremenho (Torres, 2005). Manipulando dados de diversa origem, dos autores clássicos à toponímia, passando pelas realidades artefactuais, nomeadamente funerárias,

constrói um modelo que tem na expansão territorial, e na consolidação do modelo urbano o seu elemento estruturante.

As fragilidades de um modelo tão arrojado foram já devidamente assinaladas (Arruda, 2005a, p. 83), ainda que outras pudessem ser apontadas, em particular no que à sua passagem pelo interior alentejano diz respeito. Por outro lado, as mesmas fragilidades se podem associar ao modelo de D. Manuel Pellicer, apontando para uma realidade local bem mais complexa do que os modelos lineares nos fazem crer.

A ausência de contextos urbanos consolidados devidamente documentados para a primeira metade do I milénio a.C. do Alto Alentejo torna difícil a integração deste território num qualquer esquema de expansão territorial "tartéssica"; por outro lado, a debilidade das presenças de fundo claramente "orientalizante" no território alto alentejano torna difícil estruturar a colonização do território estremenho através do corredor natural que liga as "vegas" do Guadiana ao estuário do Tejo.

A escassez de presenças de clara inspiração e proveniência litoral, associadas a um momento relativamente tardio das mesmas, sempre após os meados do séc. VII a.C., tal como nos indiciam as presenças anfóricas de São Gens, e metálicas de Torre de Palma, deixam escassa margem para se explicar fenómenos ocupacionais como o de Medellín (Almagro, 1977). A cronologia destas presenças não deverá ser alheia à consolidação do processo de mediterranização quer dos territórios da fachada atlântica quer do interior estremenho, a partir justamente deste momento (Arruda, 1999-2000).

A integração directa de Torre de Palma nesse extenso corredor, onde mais tarde irão discorrer as vias romanas que ligarão *Olisipo*, *Scalabis* ou *Salacia* ao centro do território Lusitano, onde se instalou *Augusta Emerita*, não será certamente alheia às claras filiações culturais transmitidas pelas presenças funerárias.

Nas regiões mais a Sul, que temos vindo a estudar, dentro do Alentejo Central na bacia do Guadiana, as ligações ao Mundo Mediterrâneo, sendo bem patentes na Arquitectura, tornam-se bem mais discretas nas presenças cerâmicas e metálicas, assinalando, talvez, percursos diversos na intensidade de relacionamento e profundidade dos processos de interacção com as realidades do litoral.

O processo de mediterranização das realidades sidéricas alentejanas deverá ter conhecido um percurso múltiplo, assente, todavia, numa mesma tónica, que o distingue, em grande medida, das regiões contíguas: a consolidação do Mundo Rural, em desfavor de uma realidade de cariz urbano, que tardará em emergir, depois do abandono generalizado dos grandes aglomerados do final da Idade do Bronze.

Lisboa/ Redondo, Verão 2007

AGRADECIMENTOS:

Ao Director do MNA, Luís Raposo, à sua conservadora, Ana Isabel Santos, bem como a todos os funcionários do Museu, especialmente, Cristina Coito, Luísa Jacinto, Carmo Vale, Adília Antunes e Carla Martinho, que facilitaram em muito a concretização deste trabalho. Também, a Stephanie Maloney por, a montante, ter apoiado a proposta de estudo conjugado de ambas as colecções.

Ao Prof. Doutor Carlos Fabião agradecemos não só todos os incentivos a que este trabalho fosse dado à estampa como os comentários tecidos sobre uma primeira versão do presente texto.

Ao Carlos Pereira agradecemos a dedicação e a arte da maioria dos desenhos, mesmo quando todos os prazos eram curtos.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana. Vol. 14.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1996) - *Ideología y Poder en Tartessos y el Mundo Ibérico*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ALMEIDA, F. (1967) – *Relatório Semestral de Actividades do Museu, Minuta* [Dactilografado]. Acessível no Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

ALMEIDA, F. (197_) – *Necrologia de Manuel Heleno* [Dactilografado]. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

ALMEIDA, F. (1970) – [*Carta*] *1970 Setembro 12, Lisboa,* [*a*] *Manuel Heleno* [*filho*] [Dactilografado]. Acessível no Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

ALMEIDA, F. (1971) - *Caderno de Campo Capa Vermelha* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

ALMEIDA, F. (1972a) – [*Carta*] *1972 Fevereiro 14, Lisboa,* [*a*] *Manuel Heleno* [*filho*]. Acessível no Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

ALMEIDA, F. (1972b) – Necrologia: Vera Leisner. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série 4, 6, p. 341-343.

ALMEIDA, F. (1972-1974) – Torre de Palma (Portugal): A Basílica Páleocristã e Visigótica. *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 45-47 (125-130), p. 103-112.

ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1967) - Fechos e Placas de Cinturão Hallstáticos Encontrados em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 1, p. 81-96.

ARNAUD, J. M. (1979) - Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora - Escavações de 1971-1972. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 20, p. 56-100.

ARNAUD, J. M.; GAMITO, T.J. (1974-77) - *Cerâmicas Estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I - Cabeça de Vaiamonte – Monforte. O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7-9, p. 165-202.

ARGENTE OLIVER, J. L. (1994) - *Las fíbulas de la Edad del Hierro en la Meseta Oriental*.. Madrid: Ministério de Cultura. (Excavaciones Arqueológicas en España; 168).

ARGENTE OLIVER, J. L.; DÍAZ, A.; BESCÓS, A. (2000) - *Tiermes V. Carratiermes. Necrópolis celtibérica*. Valladolid: Junta de Castilla Y Léon. (Arqueologia en Castilla y Léon. Memórias; 9).

ARRUDA, A. M. (1996) - Particularidades, Especificidades e Regularidades na Idade do Ferro do Sul de Portugal: Aproximação a um Modelo Explicativo. In VILLAR, F.; ENCARNAÇÃO, J. (eds.) - *La Hispania Prerromana: Actas do VI Colóquio sobre Línguas e Culturas Prérromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Salamanca. p. 37-50.

ARRUDA, A. M., 1999-2000 - *Los fenícios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Barcelona: Cuadernos de Estudios Mediterráneos.

ARRUDA, A. M. (2001) - A Idade do Ferro pós-Orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 4: 2, p. 207-291.

ARRUDA, A. M. (2004) – A Idade do Ferro em Portugal: leituras de Jorge Alarcão. In LOPES, M. C.; VILAÇA, R. (coord.) - *O Passado em cena: narrativas e fragmentos*. Coimbra; Porto: Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Coimbra e do Porto. p. 75-98.

ARRUDA, A. M. (2005) - Orientalizante e Pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografias e cronologias. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: IAM; CSIC. Vol. 1, p. 277-303. (Anejos de Archivo Espñol de Arqueologia; 35).

ARRUDA, A. M. (2005a) - O 1º milénio a.n.e. no centro e no sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 23, p. 9-156.

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3: 2, p. 25-59.

ARRUDA, A. M.; GUERRA, A.; FABIÃO, C., (1995) - O que é a IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal. *VI. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35: 2, p. 237-257. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993).

ATTEMA, P. (2000) - Landscape archaeology and Livy: Warfare, colonial expansion and town and country in Central Italy of the 7th to 4th c. BC. *BaBesh. Annual Papers on Classical Archaeology*. 75, p. 115-126.

AUBET, Mª. E. (1975) - *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río*. Barcelona: CSIC.

AUBET, Mª. E. (1978) - *La necrópolis de Setefilla (Túmulo B)*. Barcelona: CSIC.

AUBET, Mª. E.; CARMONA, P.; CURIÀ, E.; DELGADO, A.; FERNÁNDEZ CANTOS, A.; PÁRRAGA, M. (1999) - *Cerro del Villar I – El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y suinteracción con el hinterland*. [s.l]: Junta da Andalucia.

BLÁZQUEZ, J.M. (2005) - Evolución del concepto orientalizante en los 50 últimos años en la investigación hispana. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: IAM/CSIC. Vol. 1, p. 129-148. (Anejos de Archivo Espñol de Arqueologia; 35).

BEIRÃO, C. M. (1986) - *Une Civilization Protohistórique du Sud de Portugal - Ier Age du Fer*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. (1980) - *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*. Lisboa: SEC - MNAE.

BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Peninsula Ibérica*. Madrid: Universidade Complutense. (Complutum Extra; 2).

BERROCAL-RANGEL, L. (1994) - El Oppidum de Badajoz. Ocupaciones Prehistoricas en la Alcazaba. In ALMAGRO GORBEA, M.; MARTÍN, A. M. (eds.) - *Castros y Oppida en Extremadura*. Madrid: Universidade Complutense, p. 147-187. (Complutum Extra; 4).

BERTRAND, G. (1975) - Pour une Histoire écologique de la France rurale. In, DUBY, G. *Histoire de la France rurale*. Paris: Éditions du Seuil. Vol. 1, p. 37-118.

BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: IPA.

BOAVENTURA, R.; LANGLEY, M. (2006) - Apontamentos arqueológicos para a história da região de Monforte: uma visão cartográfica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9: 2, p. 75-81.

BOAVENTURA, R.; BANHA, C. (2006) - Ânforas da região de Monforte: Contributo para o conhecimento do comércio rural romano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 24, p. 369-399.

BONET ROSADO, H.; MATA PARREÑO, C. (2001) - Organización del território y poblamiento en el País Valenciano entre los siglos VII al II a.C.. In BERROCAL-RANGEL, L.; GARDES, P. (coord.) - *Entre Celtas e Iberos*. Madrid: Real Academia de la Historia; Casa de Velásquez. p. 175-186. (Bibliotheca Archaeologica Hispanica; 8).

BUCHSENSCHUTZ, O. (2001) - Habitat et Société celtique: la tentation urbaine. In BERROCAL-RANGEL, L.; GARDES, P., coord. - *Entre Celtas e Íberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de História; Casa de Velázquez, p. 109-113. (Bibliotheca Archaeologica Hispanica, 8).

CALADO, M. (1991) - *O povoado da II Idade do Ferro do Castelão de Rio de Moinhos. Campanha 1-Relatório de escavação*. Policopiado. Texto gentilmente cedido pelo autor.

CALADO, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.

CALADO, M. (2002) - Povoamento Pré e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana. *Almadan*. Almada. Série 11, 11, p. 122-127.

CALADO, M.; BARRADAS, M.; MATALOTO, R (1999) - Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central. In *Actas do Congresso de Proto-História Europeia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. Vol. 1, p. 363-386.

CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta Arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.

CALADO, M.; MATALOTO, R.; ROCHA, A. (no prelo) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In *Actas do Curso de Verão Arqueologia de laTierra (Castuera, Julho de 2005)*.

CALADO, M.; ROCHA, L. (1996-1997) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora. Série 11, 2-3, p. 35-55.

CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 99-130.

CERDEÑO SERRANO, Mª .L. (1978) - Los Broches de Cinturon Peninsulares de Tipo Celtico. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55, p. 271-306.

CELESTINO, S. (ed.) (1996) - *El Palacio Santuario de Cancho Roano V - VI - VII. Los Sectores Oeste, Sur y Este*. Badajoz: Junta de Extremadura; B. Gil de Santa Cruz.

CELESTINO, S. (2001) - Los Santuarios de Cancho Roano. Del indigenismo al Orientalismo Arquitectónico. In RUIZ MATA, D.; CELESTÍNO PÉREZ, S. - *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. [s. l.]: CEPO; CSIC, p. 17-56.

CELESTINO, S. (2005) - El período Orientalizante en Extremadura y la colonización tartésica del interior. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: IAM; CSIC, vol. 1, p. 767-785. (Anejos de Archivo Español de Arqueologia; 35).

CELESTINO, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1993) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte*. Badajoz: B. Gil Santa Cruz.

CELESTINO, S.; ZULUETA, P. (2003) - Los Bronces de Cancho Roano.In CELESTINO, S., (ed.) - *Cancho Roano IX. Los materiales arqueológicos*. Mérida: Conserjeria de Cultura de Extremadura. Vol 2, p. 11-123.

CLARKE, A. O. (1992) - Estimating Soil Erosion Rates From Archaeological and Sedimentological Evidence. *Bullettin of the Association of Engineering Geologists*. 29: 3, p. 329-339.

CÓRDOBA, I.; RUIZ MATA, D. (2000) - Sobre la construcción de la estructura tumular del túmulo 1 de Las Cumbres (Castillo de Doña Blanca). In *Actas del IV Congreso de Estudios Fenícios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad. Vol. 2, p. 758-770.

CORREIA, V. H. (1986) - Um Bronze tartéssico inédito. O touro de Mourão. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. Évora. 1, p. 33-48.

CORREIA, V. H. (1993) - As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais. II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33: 3-4, p. 351-375. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993).

CORREIA, V. H. (1997) - Um modelo Historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37: 3-4, p. 41-85.

CORREIA, V. H. (1999) - Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica. *Vipasca*. Aljustrel, 8, p. 23-31.

CUADRADO DÍAZ, E. (1989) - *La Necrópolis Ibérica de "El Cigarralejo" (Mula, Murcia)*, Madrid: CSIC. (Biblioteca Praehistorica Hispana; 23).

CUADRADO DÍAZ, E. (1963) - Precedentes y Prototipos de la Fíbula Anular Hispánica, *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 7.

CUADRADO DÍAZ, E. (1957) - La Fíbula Anular Hispánica y sus Problemas. *Zephirus*. 8: 1, p. 5-76.

DÉMOULE, J. P. (1999) - La société contre les Princes. In RUBY, P. (dir.) - *Les Princes de la Protohistoire et l'emergence de l'État*. Naples-Rome: École Française de Rome. p. 125-134.

DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L. (1970) - Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 3, p. 175-219.

DÍES CUSÍ, E. (2001) - La influencia de la arquitectura fenicia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (VIII-VII). In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÈREZ, S. - *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: C.E.P.O.; CSIC. p. 69-121.

DUBY, G. (1987) - *Economia rural e Vida no campo no Ocidente medieval*. Lisboa: Ed. 70.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J.; DOMINGUEZ DE LA CONCHA, C. (1991) - Restos de una necrópolis Orientalizante en la desembocadura del río Aljucén (Mérida, Badajoz). *Saguntum*. Valencia. 24, p. 35-52.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (2001) - *Extremadura Tartéssica: Arqueología de un proceso periférico*. Barcelona: Bellaterra. (Arqueología).

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVÓN SOLDEVILA, I. (2001) - *El Risco. Excavación de urgencia en Sierra de Fuentes. (Cáceres) – 1991-1993*. Mérida: Junta de Extremadura. (Memórias de Arqueología Extremeña; 4).

ENRÍQUEZ, J.; VALDÉS, F.; PAVÓN, I.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; LÓPEZ DEL ÁLAMO, P. (1998) - La estratigrafia del "Sector de Puerta de Carros-2 (SPC-2) de Badajoz y el contexto poblacional del "Valle Médio del Guadiana" en la Edad del Hierro. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A., coord. - *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, economia y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura. p. 201-246.

FABIÃO, C. (1996) - O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. Nova Série, 11, p. 31-80.

FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa: Faculdade de Letras. Tese de Doutoramento em Arqueologia. 3 vol. Policopiado.

FABIÃO, C. (1999) - Um Século de Arqueologia em Portugal - 1. *Al-Madan*. Almada. Série 2, 8, p. 104-126.

FABIÃO, C. (2001) - Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta. p. 197-228.

FERRER ALBELDA, E.; BANDERA ROMERO, M. L. (2005) - El orto de Tartessos: la colonización agraria durante el período Orientalizante. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: IAM; CSIC. Vol. 1, p. 565-574. (Anejos de Archivo Español de Arqueologia; 35).

FREITAS, V. (2005) - *As cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia.

GARCÍA HUERTA, R.; MORALES, F.; VÉLEZ, J.; SORIA, L.; RODRIGUEZ, D. (2006) - Hornos de pan en la Oretania septentrional. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 63: 1, p. 157-166.

GUERRERO AYUSO; V. M. (1991) - El Palacio-Santuário de Cancho Roano (Badajoz) y la comercialización de ánforas indígenas. *Rivisti di Studi Fenici*. Roma. 19: 1, p. 49-82.

GOMES, M. V. (1992) - Proto-História do Sul de Portugal. In SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. (eds.) - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 101-185; 240-275.

GOMES, M. V. (2001) - Divindades e Santuários púnicos, ou de influência púnica, no sul de Portugal. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta. p. 99-148.

GOMES, S.; BRAZUNA, S.; MACEDO, M. (2002) - Ocupações romanas na margem direita do Guadiana. *Almadan*. Almada. Série 2, 11, p. 134-138.

GONZÁLEZ PRATS, A. (2002) - *La necrópolis de cremación de Les Moreres*. Alicante. Edición aparte del III Seminério Internacional sobre temas Fenícios.

GIBSON, C.; CORREIA, V.; BURGESS, C. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excations at the late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.

GRACIA ALONSO, F. (2003) - Las cerámicas áticas del Palacio-santuario de Cancho Roano. In CELESTINO, S., ed. - *Cancho Roano VIII: Los materiales arqueológicos*. Mérida. Vol. 1, p. 21-194.

HELENO, M. (1947) – *Caderno 1: Mosaico romano de Monforte (Vaiamonte) – Torre de Palma* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia.

HELENO, M. (1949) – [*Carta*] *1949 Junho 8, Lisboa* [*a*] *Georg Leisner* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

HELENO, M. (1962) – A «Villa» lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 2, 4, p. 313-338.

HERNÁNDEZ CARRETERO, A. (2005) - *Estudio Palinológico de la cuenca baja del Guadiana (ALENTEJO). Relatório inédito, estruturado no âmbito dos estudos das intervenções do Bloco 8 do PMI de Alqueva*. Policopiado

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) (2006) - *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Cáceres: Museu de Cáceres; IAM. (Memórias; 5).

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2005) - De los bronces tartéssicos a la toréutica orientalizante. La broncística del Hierro Antiguo en el medíodia peninsular. In CELESTINO PÉREZ, C.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *El Período Orientalizante*. Mérida: IAM; CSIC, vol. 2, p. 955-966. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 35). Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001) - La necrópolis de «El Jardal» (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para el estudio del ritual funerario del suroeste peninsular a finales de la 1ª Edad del Hierro. *Complutum*. Madrid. 12, p.113-122.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001a) - Los Complejos monumentales Post-Orientalizantes del Guadiana y su integraciónen el panorama del Hierro Antiguo del Suroeste Peninsular. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÈREZ, S. - *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: C.E.P.O.; CSIC. p. 193-226.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1997) - Cancho Roano y los Complejos Monumentales Post-Orientalizantes del Guadiana. *Complutum*. Madrid. 8, p.141-159.

JIMÉNEZ ÁVILA, J.; ORTEGA BLANCO, J. (2001) - El poblado Orientalizante de El Palomar (Oliva de Mérida). Noticia preliminar. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÈREZ, S. - *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: C.E.P.O.; CSIC. p. 226-248.

JIMÉNEZ ÁVILA, J.; ORTEGA BLANCO, J.; LÓPEZ-GUERRA, A. (2005) - El poblado de "El Chaparral" (Aljucén) y el asentamiento del Hierro Antiguo en la comarca de Mérida. *Mérida-Excavaciones arqueológicas*. Mérida, 8, p. 457-485.

KALB, P.; HÖCK, M. (1985) - *Cerâmica de Alpiarça da Colecção Arqueológica do Museu dos Patudos e do Museu de Antropologia da Universidade do Porto, e Peças Comparáveis de outras Colecções (Catálogo de Exposição)*. Alpiarça: C. Municipal de Alpiarça; Casa Museu dos Patudos; Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa.

LANCHA, J. ; ANDRÉ, P. (2000) – *A Villa de Torre de Palma. 2. Conventus Pacensis*. Lisboa: IPM. 2 vol. (Col. Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal; II).

LANGLEY, M. (2006) – *Est in Agris*, A Spatial Analysis of roman *uillae* in the region of Monforte, Alto Alentejo, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 9: 2, p. 317-328.

LEISNER, G. (1947) – [*Carta*] *1947 Abril 27, Vaiamonte* [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

LEISNER, G. (1949) – [*Carta*] *1949 Maio 20, Vaiamonte* [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

LING, R. (2005) – Book Reviews: Corpus dês Mosaïques Romains de Portugal, 2. Conventus Pacensis, Vol. 1 La Villa de Torre de Palma. *American Journal of Archaeology*. Rhode Island. 109: 2, p. 329-330.

LOPES, C.; BOAVENTURA, R. (1997) - O povoamento pré-histórico dos 4º - 3º Milénios na região [de] Monforte: O estado da questão. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, Zamora, Set. 24-27 1996*. Zamora. Vol. 2, p. 381-387.

LORRIO, A.J., (1988-89) - Cerámica gris orientalizante de la Necróplis de Medellín (Badajoz). *Zephyrus*. Salamanca. 41-42, p. 283-314.

LORRIO, A.J. (1997) *Los Celtíberos*. Alicante; Madrid: Universidad Alicante; Complutense. (Complutum Extra; 7).

MACHADO, J. S. (1961) – *{Carta} 1961 Outubro 29, Vaiamonte, {a} M. Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

MACHADO, J. S. (1987) - *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha: Séculos XVI-XVIII*. Caldas da Rainha: Museu José Malhoa.

MAIA, M. P. (1988) - Neves II e a "Facies" Cultural de Neves-Corvo, 1° Encontro de Arqueologia da Região de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. Série 2, 3, p. 23-42.

MAIA, M. P.; CORREA, J. (1985) - Inscripción en Escritura Tartesia (o del SO) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueologico. *Habis*. Sevilla. 16, p. 243-274.

MAIA, M.; PEREIRA, M.; PEREIRA, M. L.; CABRAL, M.; NUNES, M. (1974-1977) – Actividades do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7-9, p. 6-29.

MAIA, M.; MAIA, M. (1996) - Arqueologia do Couto mineiro de Neves-Corvo. In REGO, M. (dir.) - *Mineração no Baixo Alentejo*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde. p. 82-93.

MALONEY, S.; HALE, J. (1996) - The Villa of Torre de Palma (Alto Alentejo). *Journal of Roman Archaeology*. Rhode Island. 9, p. 275-294.

MALONEY, S.; HALE, J. (1999-2000) – As escavações da Universidade de Louisville na Villa de Torre de Palma, Portugal 1983-2000: Alguns resultados preliminares. *A Cidade*. Portalegre. 13-14, p. 105-120.

MALONEY, S.; HUFFSTOT, M. (2002) – Torre de Palma: Fact or Fiction? *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 20, p. 135-145.

MARTINS, M. M. (1973) – *As fíbulas do Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Faculdade de Letras. Tese de Licenciatura. Policopiado.

MATALOTO, R. (2004) - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 37).

MATALOTO, R. (2004a) - Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da serra d'Ossa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 2, p 139-173.

MATALOTO, R. (2005) - Em busca do Mediterrâneo: A Idade do Ferro do Alentejo Central (Portugal). In CELESTINO PÉREZ, C.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) - *El Período Orientalizante*. Mérida: IAM; CSIC. Vol. 2, p. 955-966. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 35). Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental.

MATTOSO, J. (1985) - *Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)*. Lisboa: Editorial Estampa. Vol. 1.

MAYET, F.; SILVA, C. T. (2000) - *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et Sanctuaire*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

MOLINOS MOLINOS, M.; RÍSQUEZ CUENCA, C.; SERRANO PEÑA, J. L.; MONTILLA PÉREZ, S. (1994) - *Un problema de fronteras en la periferia de Tartessos: las Calañas de Marmolejo (Jaén)*. Jaén: Universidad de Jaén.

MURILLO REDONDO, J.; MORENA LÓPEZ, J. (1992) - El poblamiento rural en el arroyo de Guadatín: un modelo de ocupación del território durante el Bronze Final y el Período Orientalizante en el valle del Guadalquivir. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 3, p. 37-50.

PARREIRA, R. (1995) - Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. In *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder*. Lisboa: IPM; Museu Nacional de Arqueologia. p. 131-134.

PARZINGER, H.; SANZ, R. (1986) - Zum Ostemediterranean Ursprung einer Gürtelhakenform der Iberischen Halbinsel. *Madrider Mitteilungen*. Madrid, 27, p. 169-194.

PELLICER, M. (2000) - El processo Orientalizante en el Occidente Ibérico. *Huelva Arqueológica*. Huelva, 16, p. 89-134.

PONTE, M. S. (1985) - As Fíbulas de Vaiamonte. In *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas (Lisboa, 1980)*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca. p. 137-158.

PONTE, M. S. (1986) - Algumas Peças Metálicas de Necrópoles Romanas do Distrito de Portalegre e Évora. *Conimbriga*. Coimbra, 25, p. 99-129.

PONTE, M. S. (1987) - Algumas Fíbulas de Torre de Palma (Monforte). In *Actas das I^a Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Castelo de Vide, 1985)*. [s.l.] : [s. n.]. p. 117-121.

PONTE, M. S. (2006) - *Corpus Signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.

PELLICER, M. (2000) - El processo Orientalizante en el Occidente Ibérico. *Huelva Arqueológica*. Huelva, 16, p. 89-134.

QUEROZ, P.; LEEUWAARDEN, W. (2004) - *Estudo de arqueobotânica no povoado da Idade do Ferro da Herdade da Sapatoa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 73).

ROCHA, L. (2003) - O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): Sectores 1 e 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 6: 1, p. 121-129.

ROCHA, L. (2005) - Origens *do megalitismo funerário... a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: Faculdade de Letras. Tese de Doutoramento. Policopiado.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (ed.) (2004) - *El edifício protohistorico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura. 2 vols.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ORTIZ ROMERO, P. (1998) - La Mata de Campanario (Badajoz): un nuevo ejemplo de "Arquitectura de Prestigio" en la Cuenca Media del Guadiana. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A., coord. – *Extremadura Protohistoria: Paleoambiente, Economía y Poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura. p. 201-246.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; CHAUTÓN PÉREZ; DUQUE ESPINO, D. (2006) - Paisajes rurales protohistóricos en el Guadiana Medio: Los Canõs (Zafra, Badajoz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9: 1, p. 71-113.

ROVIRA, S.; MONTERO, I.; ORTEGA, J.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2005) - Bronce y trabajo del bronce en el poblado orientalizante de "El Palomar" (Oliva de Mérida, Badajoz). In CELESTINO PÉREZ, C.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. - *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental.* Mérida: IAM; CSIC. Vol. 2, p. 1231-1248. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 35).

RUIZ MATA, D. (1995) - Las cerámicas del Bronce Final. Un suporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico. In *Tartessos. 25 Años Después 1968 – 1993.* Jérez de la Frontera: Ayuntamiento de Jerez, p. 265-313.

RUIZ ZAPATERO; G.; LORRIO, A. (1986) - Casas redondas y rectangulares de la Edad del Hierro: aproximación a un análisis comparativo del espacio doméstico. *Arqueología Espacial.* Teruel. Vol. 9, p. 79-101.

SANMARTÍN, J.; BELARTE, C. (2001) - Urbanización y desarollo de las estructuras estatales en la costa de Cataluña (siglos VII-III a.C.). In *Entre Celtas e Iberos.* Madrid: Real Academia de la Historia; Casa de Velásquez, p. 161-174. (BAH; 8).

SILVA, J. L. (1953a) – *Cimitério da Villa Lusitano-romana* [Planta manuscrita]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1953b) – *Relatório das Escavações arqueológicas na Villa Luisitano-romano: Herdade de Torre de Palma: e no Cabeço de Vaiamonte; Concelho de Monforte, distrito de Portalegre: de 1 de Setembro a 28 de Novembro de 1953* [Manuscrito] Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1955a) – [*Carta*] *1955 Setembro 7, Vaiamonte* [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1955b) – [*Carta*] *1955 Setembro 8, Vaiamonte* [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1955c) – [*Carta*] *1955 Setembro 23, Vaiamonte* [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1956a) – *Relatório das Construções da Capela de 27 de Agosto a 29 de Setembro de 1956* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1956b) – [*Carta*] *1956 Setembro 12,* [*s. n.*] [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1956c) – [*Carta*] *1956 Setembro 15,* [*s. n.*] [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1960a) – [*Carta*] *1960 Agosto 18, Vaiamonte* [*a*] *Manuel Heleno.* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1960b) – [*Carta*] *1960 Agosto 25, Vaiamonte* [*a*] *Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1960c) – *{Carta} 1960 Setembro 20, {Vaiamonte} {a} Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1960d) – *{Carta} 1960 Setembro 28, {Vaiamonte} {a} Manuel Heleno*. [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1960e) – *{Carta} 1960 Outubro 4, {Vaiamonte} {a} Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1962a) – *{Carta} 1962 Outubro 20, {Vaiamonte} {a} Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1962b) – *{Carta} 1962 Outubro 25, {Vaiamonte} {a} Manuel Heleno* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno, Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1962c) – *{Carta} 1962 Novembro 8, {Vaiamonte} {a} Manuel Heleno*. [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, J. L. (1962d) – *{Carta} 1962 Novembro 13, {Vaiamonte} {a} Manuel Heleno*. [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 6-7, p. 149-218.

SCHÜLE, W., 1969 *Die Meseta-Kulturen der Iberichen Halbinsel*, Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschungen; 3).

SOARES, Padre Joze; CURVO, Padre Manuel; LIMA, Fran Gomes (1758) – Rellação da Vila de Monforte, e o seo termo pertencente ao Bispado de Elvas. In *Diccionario geographico de Portugal, Tomo XXIV: Informação Paroquial nº 179 (1175 a 1214)*. [Manuscrito]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo. Lisboa, Portugal.

TORRES ORTIZ, M. (1999) - *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Madrid: Real Academia de la História. (Bibliotheca Archaeologica Hispana; 3).

TORRES ORTIZ, M. (2002) - *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la História. (Bibliotheca Archaeologica Hispana; 14).

TORRES ORTIZ, M. (2005) - Una colonización tartésica en el interfluvio Tajo-Sado durante la Primera Edad del Hierro? *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, p. 193-213.

SILVA, A.; BERROCAL-RANGEL, L. (2005) - O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 8: 2, p 129-176.

TEICHNER, F. (2000) - Dois fragmentos de "recipientes rituais" da fase orientalizante, provenientes do Alto Alentejo. *A Cidade de Évora*. Évora. Série 2, 4, p. 83-98.

VALLEJO SANCHEZ, J. (2005) - Las cerámicas grises orientalizantes de la Península Ibérica: una nueva lectura de la tradición alfarera indígena. In CELESTINO PÉREZ, C.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) - *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: IAM; CSIC.. Vol. II, p. 1149-1172. (Anejos de Archivo Español de Arqueología, 35).

VALLEJO SANCHEZ, J. (1999) - *Sobre el origen y extensión de la cerámica gris y las producciones occidentales*. Cádiz: Universidad de Cádiz. Policopiado.

VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR, 2 vol. (Trabalhos de Arqueologia; 9).

VILAÇA, R.; ARRUDA, A. M. (2004) - Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga*. Coimbra. 43, p. 11-45.

VILAÇA, R.; MONTERO RUIZ, I.; RIBEIRO, C.; SILVA, R.; ALMEIDA, S. (2002-2003) - A Tapada das Argolas (Capinha, Fundão): novos contributos para a sua caracterização. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10-11, p. 175-197.